

REVISTA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO

CENTENÁRIO DA COMISSÃO RONDON

(1907-2007)

NÚMERO 65



FAPEMAT

Ed. UEMG

REVISTA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO

CENTENÁRIO DA COMISSÃO RONDON

(1907-2007)

NÚMERO 65



1919

IHGMT/CUIABÁ
2007

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE MATO GROSSO

DIRETORIA

Presidente de Honra

Blairo Borges Maggi

Presidente

João Carlos Vicente Ferreira

1ª Vice-Presidente

Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa

2ª Vice-Presidente

Isis Catarina Martins Brandão

1ª Secretária

Nilza Queiroz Freire

2ª Secretária

Elizabeth Madureira Siqueira

1º Tesoureiro

Aníbal Alencastro

2º Tesoureiro

Benedito Pinheiro de Campos

Oradora Oficial

Elizabeth Madureira Siqueira

Conselho Fiscal

Weller Marcos da Silva

Aecim Tocantins

Domingos Iglesias Valério

Curadora do Museu e Arquivo

Elizabeth Madureira Siqueira

Coordenador das Publicações Avulsas

Paulo Pitaluga Costa e Silva

Conselho Editorial

Elizabeth Madureira Siqueira

Sônia Regina Romancini

Suise Monteiro Leon Bordest

Weller Marcos da Silva

IHGMT

Rua Barão de Melgaço 3.869 (Centro)

Cuiabá / MT – Tel.: (65) 3624-2029

www.ihgmt.org.br

ESCALA
1:1000.000

REVISTA DO INSTITUTO
HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE MATO GROSSO

CENTENÁRIO DA
COMISSÃO RONDON

(1907-2007)

NÚMERO 65



1919

IHGMT/CUIABÁ
2007

ISSN 1677-0897

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso /
Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. n. 66. Cuiabá, 2007
109 p.: 16 cm.
Anual
Inclui bliografia, índice e ilustração

1. Casa Barão de Melgaço
2. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso
3. Comissão Rondon
4. Cândido Mariano da Silva Rondon

CDD 981.72

Revisão e Normalização:

Comissão editorial do IHGMT

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:

Candida Bitencourt Haesbaert

Produção Gráfica:

Sérgio Puga

Impressão:

Gráfica Print - Cuiabá, MT

IHGMT

Rua Barão de Melgaço 3.869

(Centro) – Cuiabá / MT

Tel.: (65) 3624-2029

www.ihgmt.org.br

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 7

PARTE 1

RONDON: VIDA E OBRA 9

CRONOLOGIA DE RONDON 11

Elizabeth Madureira Siqueira

TRAJETÓRIA DE RONDON 37

Nilza Queiroz Freire

PARTE 2

**RONDON
REPRESENTAÇÃO E IMAGENS** 55

RONDON:
A IMAGEM COMO ALIADA (1890 A 1940) 57

João Antonio Botelho Lucídio

Luiz Gustavo de Souza Lima Júnior

A FOTOGRAFIA E O CINEMA NA
COMISSÃO DAS LINHAS TELEGRÁFICAS 69

Joel Leão

AAÇÃO POLÍTICA DE RONDON	77
Joel Leão	
RONDON E O NOBEL DA PAZ EM 1925	81
Joel Leão	
MEMORIAL RONDON: UM MARCO GEOGRÁFICO, CULTURAL E DE POTENCIALIDADE TURÍSTICA	83
Suíse Monteiro Leon Bordest	
MEMÓRIA DA VIAGEM DE MEMBROS DO IHGMT PARA MIMOSO	91
Suíse Monteiro Leon Bordest	
RONDON E SEUS ESPAÇOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA	95
Sônia Regina Romancini Adriana da Mata Silva Josemara de Brito Souza	
PARTE 3	
RONDON EM POESIA	103
MIMOSO	105
Amidicis Diogo Tocantins	
NATIVO BANDEIRANTE	106
Prof. Benedito Pinheiro de Campos	
RONDON: TEU ACRÓSTICO	108
Ede Gonçalves	

APRESENTAÇÃO

A presente edição da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, de n. 65, é dedicada a um dos mais ilustres de seus membros, o mato-grossense Cândido Mariano da Silva Rondon. Pesquisar e escrever sobre esta personalidade nunca é redundante, mesmo sendo ele uma das figuras públicas mais lembradas e difundidas pela literatura brasileira.

O presente compêndio integra o conjunto das homenagens realizadas por ocasião da comemoração do Centenário da Comissão Rondon que, em março de 2007, deu início às operações da épica Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas, empreendimento de dimensões fantásticas e que teve como ponto de partida a cidade de Acorizal-MT, antiga Brotas, às margens do histórico Rio Cuiabá, onde foi implantado o primeiro Posto Telegráfico em território mato-grossense. Recentemente, ali foi edificado um marco histórico, com 5 metros de altura.

A proposta e a elaboração do programa comemorativo dos festejos relativos aos cem anos da Comissão Rondon nasceu nas dependências do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em reunião mensal. A partir daí diversos estudiosos e instituições se engajaram na proposta de tão significativo evento, como o governo do Estado, através da Secretaria de Estado de Cultura, assim como dela participaram igualmente o Arquivo Público de Mato Grosso, o Exército Brasileiro, o Correio Nacional e inúmeras prefeituras municipais mato-grossenses.

Dedicados membros do IHGMT se debruçaram e se empenharam no desenvolvimento de pesquisas que redundaram na produção de textos contendo significativas informações concernentes à vida e obra do ínclito Marechal Rondon, com destaque especial aos trabalhos desenvolvidos por ele durante o período em que auxiliou e mais tarde chefiou a Comissão que levou seu nome. O Exército Brasileiro trouxe de volta a Mato Grosso o Projeto Rondon, revigorado e com propostas sociais e educativas e renovadas que atingiram catorze municípios mato-grossenses. O Correio do Brasil coordenou homenagens encenadas nos municípios mato-grossenses que recepcionaram a exposição comemorativa do centenário da Comissão Rondon, especialmente produzida para tão significativa ocasião.

O Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, incluiu no seu Programa de Recuperação do Patrimônio Histórico de Mato Grosso a revitalização de três postos telegráficos que se encontravam em ruínas:

Pontes e Lacerda (agosto de 2007), Porto Esperidião (setembro de 2007) e Santo Afonso (outubro de 2007).

O IHGMT fez mais uma vez a sua parte, ajudando a registrar e a difundir a história de um de seus Sócios Honorários mais importantes, Cândido Mariano da Silva Rondon que, através de Antônio Fernandes de Souza, seu secretário e sócio fundador da Instituição, cuidou da acumulação e posterior doação de parte significativa do acervo produzido por Rondon.

Sem citar nomes, este é um momento para agradecer a dedicação de pessoas e instituições que permitiram que a centenária data histórica não fosse relegada ao esquecimento. Competentemente comemorado, o centenário da Comissão Rondon (1907-2007), tal qual o perfil do ínclito mato-grossense e mimoseano Cândido Mariano da Silva Rondon, foi capaz de congregar e irmanar instituições em torno de um dos mais épicos episódios da História Nacional.

A presente Revista objetiva divulgar estudos e resultados de pesquisas efetivados pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Dividida em três partes: na primeira – *Rondon, vida e obra* – foram incluídos textos relativos à trajetória familiar e profissional Rondon; na segunda – *Rondon, representação e imagens* – foram incluídas pesquisas concernentes às formas representativas desta personalidade no cenário nacional e regional; a última parte – *Rondon em poesia* – estampa em versos que o personagem inspirou.

As comemorações de Rondon não se encerram no Centenário da Comissão Rondon, mas prosseguirá, em 2009, com os festejos que marcam o Centenário do Centro Geodésico da América do Sul, cujo obelisco foi instalado pela Comissão Rondon na atual Praça Moreira Cabral, logradouro também conhecido por sua toponímia originária, Campo D'Ourique, atual sede da Câmara Municipal de Cuiabá.

Saudações e boa leitura.

João Carlos Vicente Ferreira
Presidente do IHGMT

PARTE 1

RONDON: VIDA E OBRA





CRONOLOGIA DE RONDON

Elizabeth Madureira Siqueira¹

A presente cronologia foi elaborada a partir das obras *O Indigenista Rondon* (MEC-RJ, 1958), de Darcy Ribeiro, *Rondon conta a sua História*, de Esther Viveiros (Livraria São José-RJ, 1958), e *O indigenista Rondon*, de Elias dos Santos Bigio (Contraponto-RJ, 2000), objetivando apontar alguns momentos importantes na trajetória de Cândido Mariano da Silva Rondon. Pela extensão e volume de seus trabalhos, assim como pelo reconhecimento que recebeu da comunidade regional, nacional e internacional, tornou-se um mito nacional, para orgulho de todos os mato-grossenses, em especial os mimoseanos. Esta é a homenagem do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso a Rondon, sócio honorário da Instituição.

5 DE MAIO DE 1865

No centro de Mato Grosso abre-se uma extensa região de campos cortados por palmeiras e matas de galeria que margeiam os rios e lagoas. São os campos de Mimoso, ocupados por descendentes de bandeirantes paulistas mesclados com índios e negros. Depois de esgotadas as reservas de ouro de Cuiabá que os haviam atraído àqueles ermos, ali se instalaram como criadores de gado. Esta era, aliás, a única economia praticável em região tão isolada, porque só o gado poderia conduzir-se a si mesmo, através de milhares de quilômetros de simples picadas até os mercados da costa atlântica (RIBEIRO, 1958, p. 14).

Nasce Rondon em Mimoso-MT, filho de Cândido Mariano da Silva e de Claudina de Freitas Evangelista.

¹ Historiadora, Curadora da Casa Barão de Melgaço e sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras.

1878

Completa o curso Primário, tendo estudado na escola do Mestre João, um índio Bororo, e com o Professor Francisco Ribeiro da Costa, conhecido como Mestre Chico.

1879

Matricula-se na Escola Normal (mais tarde Liceu Cuiabano), visando sua formação docente.

1881

Meu tio, não lhe estou pedindo recurso, mas apenas consentimento
(Rondon dirigindo-se ao tio Manoel Rodrigues, antes de ir para o RJ).

Formado, aos 16 anos, como professor primário, pela Escola Normal (Liceu Cuiabano), com distinção.

Assenta praça no 3º Regimento de Artilharia a Cavalos, Quartel do antigo acampamento Couto de Magalhães, em Cuiabá, aos 26 de novembro, com o propósito de inscrever-se na Escola Militar da Corte-RJ.

Aos 2 de dezembro embarca com destino ao Rio de Janeiro, onde chegou no dia 31 do mesmo mês.

Designado para servir como recruta, e mais tarde amanuense, junto ao 2º Regimento de Artilharia a Cavalos, no Quartel-General do Exército (RJ), sob o comando do Capitão Hermes da Fonseca.

1883

Inscribe-se nos exames preparatórios do Colégio Pedro II, chegando a prestar exames de Português e de Geografia, curso do qual se afastou por ter sido aprovado na Escola Militar da Praia Vermelha-RJ. Ali, nos primeiros três anos, fez o curso de preparatórios.

1883

Bicho peludo! Pensa que com Matemática de Cuiabá vais vencer!
É muito atrevimento! Vais levar bomba, na certa! (VIVEIROS, 1958, p. 35).

Presta exames e ingressa oficialmente como aluno na Escola Militar da Praia Vermelha, solicitando reaproveitamento das matérias que cursara nos três anos anteriores, inclusive aquelas do Liceu Cuiabano, coisa que seus colegas não acreditavam. Alcançando várias distinções nos exames, é nomeado alferes-aluno e encaminhado à Escola Superior de Guerra (RJ), tendo obtido aproveitamento nas provas das disciplinas cursadas em Cuiabá.

1884

Cursa o 1º ano de Infantaria e Cavalaria, popularmente conhecido como Curso de Alfafa.

1885

Não era possível fazer a digestão, pedindo ao cérebro tão intenso trabalho intelectual, principalmente a digestão das refeições pesadas, à base de feijão e carne-seca, como eram as da Escola Militar daquele tempo (VIVEIROS, 1958, p. 37).

Matricula-se no 2º ano do curso de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar da Praia Vermelha, porém não conseguiu concluir por causa da doença que veio a contrair.

Meu estado de fraqueza não me permitia esforço intelectual. Punha-me a contar as tábuas do teto, ou as manchas da parede... e meus olhos aos poucos se fechavam... (VIVEIROS, 1958, p. 38).

Rondon adoece de problemas gastrointestinais, devido aos muitos estudos seguidos das refeições, baixando diversas vezes na enfermaria da Escola Militar.

1886

Matricula-se e cursa, novamente, o 2º ano do curso de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar da Praia Vermelha, conseguindo até mesmo ensinar seus colegas, visto que estudara com afinco no ano anterior, somente não prestando as provas por causa da doença.

Colabora na revista *Família Acadêmica*, ao lado de Lauro Müller, Euclides da Cunha, Moreira Guimarães, Gomes de Castro e outros.

1887

Matricula-se no 3º ano do curso de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar da Praia Vermelha, onde, além das matérias curriculares, cursou também Matemática Superior, mecânica racional, ministrada pelo Prof. Manoel Cursino Peixoto do Amarante.

1888

Termina o curso de Matemática Superior – cálculo das Funções – com o mestre Benjamin Constant.

Assume papel ativo no movimento da Proclamação de República, como um dos “repúblicos” da Rua Duque de Saxe.

1889

Nomeado ajudante da Comissão de Construção das Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Registro do Araguaia, sob a direção de Gomes Carneiro.

1890

Fostes, Benjamin Constant, o meu Mestre amado que a todos se impunha pela extensão do cultivo intelectual, pela integridade do caráter diamantino, pela pureza do coração.; Trato ameno, aureolado de doçura e bondade, absoluta e sincera franqueza, realçavam aqueles predicados. E a todos, Mestre, inspiravas veneração (VIVEIROS, 1958, p. 92).

Aos 8 de janeiro, desliga-se da Escola Superior de Guerra, recebendo o título de Engenheiro Militar, com Bacharelado em Matemática e Ciências Físicas e Naturais.

Em 1º de fevereiro de 1890 fez, oficialmente à família Xavier, o pedido de casamento, com Francisca Xavier da Silva Rondon, carinhosamente, Chiquita.

Promovido, a 2º Tenente, é nomeado Lente substituto da Cadeira de Astronomia Mecânica, a convite de Benjamin Constant Botelho de Magalhães, o fundador da República, considerado o pai do Positivismo brasileiro.

Três dias depois, é promovido a 1º Tenente de Estado Maior de 1ª classe.

Terminado o período de estágio, Rondon segue, no dia 6 de março, para Cuiabá.

Inaugura a primeira Estação Telegráfica em Capim Branco.

1891

Assume o cargo de professor substituto na Escola Militar da Praia Vermelha (RJ), onde lecionou, como regente, a cadeira de Astronomia e as de mecânica racional e de matemática superior, esta última, na falta do mestre titular.

1892

Em 1º de fevereiro casou-se, no Rio de Janeiro, com Francisca Xavier da Silva Rondon, carinhosamente chamada de Chiquita. Chovia torrencialmente.

Solicita exoneração da função de professor por julgar que sua posição doutrinária de Positivista era incompatível com o exercício do magistério.

Gomes Carneiro, meu amado Mestre do sertão. Ali me ensinaste a ser soldado. Aprendi, nos teus edificantes exemplos cívicos e militares a ser dedicado ao serviço, inflexível nas maiores dificuldades e sofrimentos para nunca, ante o subordinado, revelar cansaço ou ignorância, porque só assim, dizias, será a autoridade de chefe mantida e respeitadas as suas ordens. Foi contigo que aprendi a amar o gentio, já meditando nas ordens que fizeste cumprir em sua defesa e proteção, ao longo da estrada marginada pela construção da linha telegráfica, onde o Bororo mantinha as suas aldeias; já no empolgante exemplo que me deste de não insistir contra os avisos que

nobrememente dá o índio ao invasor de suas terras, antes de fazer sentir, materialmente, que sua presença é desagradável (VIVEIROS, 1958, p. 113).

Nomeado chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso, por indicação de Gomes Carneiro, realizando notável trabalho de melhoramento das instalações da Linha Cuiabá ao Registro do Araguaia, estabelecendo relações pacíficas com os índios Bororo, do Garças. Partiu para Cuiabá no dia 6 de março, a fim de assumir essa missão. A viagem foi muito atribulada devido aos surtos de febre amarela, o que obrigou os passageiros dos vapores a manterem quarentena em diversos portos do Sul do Brasil, Uruguai e Paraguai.

No dia 5 de maio assume oficialmente a Direção dos Telégrafos.

Aos 13 de dezembro, nasce sua primeira filha, Aracy.

Agraciado com a Medalha Militar de Prata, pelos dez anos de bons serviços prestados.

Promovido, por merecimento, a Capitão do Corpo de Engenheiros Militares.

1893

Encarregado da construção de uma Estrada Estratégica ligando Cuiabá ao Araguaia, iniciando com os trabalhos de construção de pontes e de outras obras, acumulando também o a tarefa de construção da estrada estratégica.

1894

Aos 29 de abril, nasce seu segundo filho, Benjamin, em homenagem ao mestre falecido, Benjamin Constant.

Suspensos os trabalhos de construção da Estrada Cuiabá-Araguaia, retorna à função de Chefe do Distrito Telegráfico de Mato Grosso, reconstruindo as linhas que se encontravam interrompidas.

1895-1897

Nomeado Chefe da Comissão encarregada da Construção da Linha Telegráfica Cuiabá ao Registro do Araguaia.

1898

Término dos trabalhos telegráficos, a que tinha sido incumbido. Foi, nessa ocasião, convidado pelo Ministro da Guerra a continuar, porém soicitou que fosse dispensado da função.

Regressa ao Rio de Janeiro onde assume, em 2 de janeiro, o cargo de Auxiliar-Técnico da Intendência Geral da Guerra, onde permaneceu por dois anos.

Aos 7 de fevereiro, muda-se com a família para a cidade de Buarque de Macedo (MG), onde passou 100 dias ao lado da esposa que, de doente, recuperou a saúde.

1900

Nomeado Chefe da Comissão Encarregada da Construção das Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso, iniciando a construção do trecho que ligaria Cuiabá ao então Sul do Estado (hoje Mato Grosso do Sul).

21 de julho partiu do Rio de Janeiro para Mato Grosso, via Araguaia, a fim de assumir suas funções.

Aos 22 de setembro, foram iniciados os trabalhos de reparo da linha construída pela Comissão Bento Ribeiro, que ligava o rio Manso ao São Lourenço, e deste ao Arareau, entre os índios Bororo.

1901

Houve um banquete aos soldados e aos índios que participaram dos trabalhos e, à noite, realizaram estes formidável bacororo, organizado pelo Cacique Oarine e pelo Pagé Bárú, apresentando-se muitos índios com mantos de pele de onça, como traje de gala (Rondon delatando a inauguração do Posto de Itiquira. In: VIVEIROS, 1958, p. 133).

Durante todo ano, Rondon se dedica à abertura e fixação das linhas telegráficas.

Em 21 de abril de 1901 foi inaugurada a Estação Telegráfica de Itiquira, com grande festividade.

O 7 de setembro foi comemorado em pleno sertão, com hasteamento da bandeira nacional.

No dia 31 de dezembro foi instalada a estação provisória do Piquiri, ocasião em que Rondon operou as primeiras transmissões.

1902

[...] foi solenemente inaugurada a estação com um banquete e um baile, sendo, no ato da inauguração, franqueada ao público a sala dos aparelhos. Fiz um discurso, exaltando a Mulher, pensando quanto devia eu à inspiração da minha, no cumprimento de meus árduos deveres (Palavras de Rondon na inauguração da Estação Telegráfica de Coxim. In: VIVEIROS, 1958, p. 133).

No dia 3 de maio, segundo os Positivistas, data do descobrimento do Brasil, foi comemorado com a inauguração da estação do Coxim.

Agraciado com a Medalha Militar de Ouro, pelos 20 anos de bons serviços prestados ao Exército Brasileiro.

1903

Recebera Miguel Lemos, jubiloso, o pedido de renovação de meu casamento, segundo, o ritual positivista, e foi grande a concorrência de amigos e confrades, que assistiram à cerimônia e a uma reunião em nossa casa, à noite (VIVEIROS, 1958, p. 162).

No dia 8 de janeiro foi celebrado o casamento positivista de Rondon e Chiquita, ao mesmo tempo que se realizou a apresentação dos 3 filhos – Aracy, Benjamin e Clotilde.

No dia 1º de agosto foi inaugurada as Estações Telegráficas de Aquidauana e de Campo Formoso.

Nasce a quarta filha de Rondon, Marina Sílvia, no dia 25 de setembro. Nas palavras de Rondon, *Marina parecia-me um botão de rosa, desabrochando ao sol* (VIVEIROS, 1958, p. 170).

Promovido, por merecimento, ao posto de Major do Corpo de Engenheiros Militares.

1904

Inaugura as Linhas Telegráficas ligando Cuiabá a Corumbá, assim como os ramais para Aquidauana e para o Forte de Coimbra.

Logo em seguida é nomeado responsável pela extensão das Linhas Telegráficas para Nioaque, Miranda, Porto Murtinho, Margarida e Bela Vista, na fronteira de Mato Grosso com o Paraguai. Nessa empreitada, coloca sob a proteção de sua tropa os grupos indígenas Bororo, Terena, Ofaiê, Kadiwéu, cujas terras fez demarcar, assegurando-lhes a posse.

1905

Inaugurada a Estação Telegráfica do Forte de Coimbra, no dia 1º de janeiro de 1905.

No dia 24 de maio foi inaugurada a Estação Telegráfica de Porto Murtinho. Nessa ocasião, Rondon assim se expressou ao se referir às imensas dificuldades encontradas para efetivação desta Estação, por causa da chuvas intermitentes: *Tanto vale o querer e o saber executar* (VIVEIROS, 1958, p. 197).

No dia 1º de junho foram iniciados os trabalhos de extensão das linhas telegráficas, de Porto Murtinho, até Bela Vista.

Inaugurada a linha telegráfica ligando Cuiabá a Livramento.

1906

Rondon comemora seu aniversário – 5 de maio – em viagem de Corumbá para Cuiabá. Brindou-lhe o Dr. Alfredo Vieira, com uma saudação.

Rondon agradeceu a homenagem, terminando sua fala com a tão famosa frase: *Sabe-se hoje, melhor do que nunca, que existe uma força contra a qual são inúteis os canhões e as baionetas – esta força é a opinião pública* (VIVEIROS, 1958, p. 210).

No final de maio, Rondon muda-se com sua equipe para a margem esquerda do rio Sangradouro.

No dia 1º de agosto, Rondon inaugura a Estação Telegráfica de Cáceres. Este ponto ensejou a possibilidade de ligação entre esta cidade e Vila Bela da Santíssima Trindade, tarefa assumida por Rondon quinze dias depois.

Rondon e equipe se encontram com os índios Guatás, mercadores de couro de onça, com os quais estabeleceram os primeiros contatos.

1907

Essa missão é que seria conhecida mais tarde como a Comissão Rondon, grandiosa empresa política e militar que se tornou sob sua direção, o maior empreendimento científico e a maior cruzada humanista jamais tentada no Brasil (RIBEIRO, 1958, p. 17).

Nomeado, aos 23 de fevereiro, Chefe da Comissão Construtora das Linhas Telegráficas ligando Mato Grosso ao Amazonas, a qual deveria também atingir o então Território do Acre, ligando-o ao circuito telegráfico nacional. Esse trabalho, por sua dimensão nacional, ficou conhecido como o da Comissão Rondon.

Dá início à organização de Expedições através da região Noroeste de Cuiabá até o Rio Juruena (1907) e, daí, até o Rio Gi-Paraná (1908) e, por fim, a Santo Antônio do Rio Madeira (1909), percorrendo uma região de 500.000 Km².

No dia 2 de setembro, a expedição Rondon chega ao lugar denominado Arroz sem Sal.

A Expedição chega ao Juruena no dia 20 de outubro, com a descoberta do misterioso rio. Rondon, assim descreve esse momento: *Recebemos o batismo do Juruena em delicioso banho – Anaiiná chamavam os índios ao famoso formador do Tapajós. Revigorados, jubilosos, antegozando a alegria que ia causar aos companheiros a agradável nova, volvemos ao acampamento* (VIVEIROS, 1958, p. 240).

O dia 15 de novembro, dedicado à República e extremamente caro aos Positivistas, foi comemorado condizentemente em Aldeia Queimada, com hasteamento da bandeira, toque de corneta e distinção da equipe que exploraria o rio Juruena.

1908

No dia 24 de fevereiro foi inaugurado o ramal que de Cáceres ligaria a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, assim como as Estações de Pontes e Lacerda, Porto Esperidião e Diamantino.

No dia 7 de setembro Rondon foi inaugurada, com grande festa, o Acampamento do Juruena, constituído de 52 praças, sob o comando do Tenente José Joaquim Ferreira da Silva. Rondon assim relatou o episódio:

Na alvorada mandei tocar corneta e clarim, e o gramofone repetiu o hino nacional, pela primeira vez ouvido na região. Fogos subiram ao ar e dinamite troou no profundo vale do Juruena, ribombaram para o Norte e para o Sul, ecoando perpendicularmente à direção do valem maior, transmitindo-se pelos vales transversais que constituíam as vertentes do rio gerador. [...] Durante o dia e à noite soltamos muitos foguetes e fogos de artifício que deram a nossa festa, nestes inóspitos sertões, cunbo de verdadeira alegria, são e impressionante. Muitos balões foram soltos, tomando todos a direção Norte-Noroeste (VIVEIROS, 1958, p. 343).

Rondon participa do Congresso de Raças, reunido em Londres, ocasião em que foi popularizada a sua máxima regra no trato com os índios: *Morrer, se necessário for, matar, nunca!* (VIVEIROS, 1958, p. 344).

Promovido, por merecimento, ao cargo de Tenente-Coronel do Corpo de Engenharia do Exército.

1909

No dia 1º de janeiro, Rondon inaugura a Estação Telegráfica de Barão de Capanema, com 62 km de linha, desde Ponte de Pedra.

No dia 3 de maio a Expedição Rondon deixa Cáceres rumando para Santo Antônio do Rio Madeira, onde só chegarão no final do ano.

Ao penetrar no território Nambiquara, nação que era antropofágica, no imaginário da tropa, Rondon sabia que o confronto não seria tarefa fácil, e assim se expressou:

Que nós estamos invadindo suas terras, é inegável! Preferíamos pisá-las com o assentimento prévio dos seus legítimos donos. Havemos de procurar todos os meios para lhes mostrar quanto almejamos merecer esse assentimento, e que não temos outra intenção senão a de os proteger. Sentimo-nos intimamente embaraçados por não podermos, por palavras, fazer-lhes sentir tudo isso. Eles nos evitam, não nos proporcionam ocasião para uma conferência, com certeza por causa da desconfiança provocada pelos primeiros invasores que profanaram seus lares. Talvez nos odeiem também porque, do ponto de vista em que estão, de acordo com a sua civilização, todos nós fazemos parte dessa grande tribo guerreira que, desde tempos imemoriais, lhes vêm causando tantas desgraças, das quais as mais antigas revivem nas tradições conservadas pelos anciões” (COMISSÃO RONDON. Rio de Janeiro, 1916, p. 131).

Atacado pelos índios Nambiquara, quando chefiava uma tropa que penetrava em território indígena. Foi nessa ocasião que ele enunciou um de seus mais significativos princípios: *Morrer se preciso for, matar nunca.*

No dia 21 de dezembro de 1909 a Expedição Rondon atingiu Santo Antônio do Rio Madeira. A exploração da região, entre Cáceres e esta última região, durou 9 meses, tendo iniciado no dia 3 de maio.

1910

Índios Nambiquara se confraternizam com a Comissão Rondon, dando início a um convívio pacífico com a sociedade envolvente.

No dia 7 de setembro é criado o Serviço de Proteção aos Índios e Trabalhadores Nacionais – SPITN, pelo Decreto 8.072, de 20 de junho. Rondon aceitou ser o seu primeiro Diretor.

[...] não como graciosa liberalidade por parte do Governo Brasileiro, mas como resgate de avultada dívida dos atuais brasileiros, herdada de seus antepassados. Porque a situação em que ainda se acham, que os selvagens brasileiros, quer os chamados trabalhadores nacionais, resultou, e continua a resultar do mais monstruoso crime social (VIVEIROS, 1958, p. 170).

O convite do governo brasileiro foi feito pelo Dr. Rodolfo de Miranda:

Visa a presente carta revestir de cumbo oficial o convite que, pessoalmente, vos dirigi em nome da causa dos nossos silvícolas. A espontaneidade da escolha de vosso nome para fomentar e dirigir a catequese que o Governo da República deliberou empreender é a consagração formal da conduta humanitária, generosa, que tanto vos recomendou à confiança do indígena, na longa e heróica jornada que realizastes em zonas até então vedadas aos mais audaciosos exploradores. [...] Quem, denodadamente e com rara abnegação, sacrificou a sua quietude, a calma do lar, a sua própria vida, por bem servir à nação; [...] um amigo, um guia cuidadoso, reúne, sem dúvida, os requisitos de bondade, de altruísmo que devem caracterizar a campanha que há de redimir do abandono os nossos silvícolas e integrá-los na posse de seus direitos. [...] A direção superior desse serviço vos será confiada, se aquiescerdes à consulta que ora vos faço, antes das formalidades oficiais de requisição ao Ministério a que pertenceis, e tenho bem radicada em meu espírito a confiança de que será satisfeita a aspiração comum, mediante o influxo de vossa cultura científica, de vossa capacidade moral, de vossa fé republicana e da energia de vontade que vos faz o primeiro dentre os exploradores do território brasileiro [...] (VIVEIROS, 1958, p. 345-346).

Rondon aceitou o convite, respondendo no dia 14 de março de 1910:

[...] Agradecendo-vos sinceramente a generosidade dos conceitos com que vos aprouve distinguir-me, eu não seria de nenhuma forma digno deles, caso, acedendo ao vosso honroso apelo, vos deixasse sem completo conhecimento do modo pelo qual encaro o problema indígena, no que tem de realizável atualmente.

A catequização dos indígenas, compreendo a sua incorporação à nossa sociedade pela assimilação de nossa indústria, nossas artes, bem como pela adoção de nossos hábitos – que resultam de nossas crenças religiosas, no sentido positivo desses termos – julgo-a ser um problema diretamente inabordável no presente, em que por tantas crenças se repartem as preferências das populações. Como Positivista e membro da Igreja Positivista do Brasil, estou convencido de que os nossos indígenas deverão incorporar-se ao Ocidente, sem que se tente forçá-los passar pelo teologismo. [...] À dita Inspeção caberá ainda, naturalmente, tornar efetiva a punição dos crimes que se cometem contra os indígenas; fiscalizar o modo pelo qual são tratados

nas colônias e estabelecimentos particulares, de modo a evitar que sejam vítimas de explorações, violências e fraudes. [...] Ter-se-á sempre em vista que aos indígenas desagradam quaisquer obrigações e ensinos sistemáticos, por mais úteis que pareçam a nós ocidentais; e que só gradualmente poderão eles vir a sentir a utilidade, as vantagens e até a moralidade de consas e atos a que prendemos tais atributos. [...] Dentro dos limites assinalados, poderei aceitar, portanto, a direção dos serviços que ides instituir, durante os quais terei ocasião de desenvolver, de modo sistemático, o procedimento que de longa data tenho observado em relação aos nossos infelizes indígenas (VIVEIROS, 1958, p. 349-351).

O Ministro Rodolfo de Miranda, respondeu a Rondon:

Li com vagar e cuidado vossa atenciosa carta, resposta ao meu convite para assumirdes a direção do serviço de catequese dos indígenas, organizado de acordo com a orientação republicana. Exposição eloqüente vosso programa – fundamentado em termos que revelam conhecimento exato do assunto, critério observador e bondade de um homem de coração – assegurará êxito da idéia que propugno, com o maior encarecimento. Concordo sem discrepância com as medidas que sugeris, todas conducentes a proteger o indígena, defendê-lo, ampará-lo, sem constranger a aceitar nossos hábitos e nossa religião. Será mais um serviço a reunir aos muitos que vos deve a República (VIVEIROS, 1958, p. 351).

Inspecciona o Posto Indígena instalado ao longo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, no trecho paulista, e dá início à pacificação dos índios Kaingang.

No dia 14 de junho é inaugurada a Estação Telegráfica do Juruena, perfzendo um total de 519 km, contando de Utiariti, e 240 km, contando do tronco Cuiabá-Santo Antônio do Rio Madeira.

Rondon publica a obra *Ethnographia: Comissão das Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, História Natural*. Anexo 5. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1910.

1911

Início do funcionamento do Posto do SPI, localizado no Rio Doce (Pancas), para pacificação dos índios Botocudos (MG e ES).

Rondon refaz suas energias na estação de águas de Cambiquira. Na ocasião, assim avaliou a estadia: [...] *Senti-me pronto para resistir aos embates da vida do sertão. Comecei, pois, a preparar a minha viagem a Mato Grosso (VIVEIROS, 1958, p. 352).*

1912

Rondon publica o opúsculo *Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1912.

Pacifica os índios Kaingang, de São Paulo, através dos métodos adotados pela Comissão Rondon.

O Congresso Universal das Raças, bem como o XVIII Congresso Internacional de Americanistas, reunidos em Londres, e a Comissão Parlamentar de Inquérito, instituída para a apurar as atrocidades praticadas contra os índios peruanos de Putumalo, apelam aos países que contam com populações indígenas para adotar o método de pacificação utilizado por Rondon.

No dia 13 de junho de 1912 foi inaugurada a Estação de Vilhena, que levou o nome de José Bonifácio, por ser este dia o seu aniversário. Na mesma data também foram inauguradas as estações da seção do Norte: Jamari e a provisória do Madeira.

Em 12 de outubro Rondon inaugura as Estações Telegráficas de Nambiquara, a 130 km de Cuiabá.

As comemorações da República foram por ele lideradas em pleno sertão:

Foi um dia festivo. Mandei preparar um mastro de 60 palmos, sendo a bandeira hasteada às 6 horas, com toda a solenidade – formatura do contingente e continências. Pela primeira vez, reboou a corneta da vitória naquelas paragens. Pronunciei algumas palavras alusivas à data para exaltar o sentimento cívico, o empenho em corresponder ao honrosíssimo nome dado à Comissão: “Escola do Dever” (VIVEIROS, 1958, p. 360-361).

Promovido, por merecimento, a Coronel do Corpo de Engenheiro do Exército.

Recebi telegramas pela minha promoção. Era a terceira que me chegava em pleno serviço de campo: a primeira, a major, nos pantanais de Aquidauana, construindo a linha de Corumbá; a segunda, a tenente-coronel, em marcha nos sertões do Juruena, caminho da Serra do Norte; a terceira, a coronel, nos campos indígenas, estudando a variante que pudesse livrar o traçado da mataria (VIVEIROS, 1958, p. 361-362).

1913

Em 28 de janeiro seguiu do Rio de Janeiro para Cuiabá a fim de inspecionar a seção do Norte, a partir de Santo Antônio do Rio Madeira, até o Jamari.

Confraternização da Comissão Rondon com os índios Kepkiriwát e com tribos indígenas dos Parnawát, Takuatép, Ipotewát. Urumi, Arikeme e Karitiana, residentes nas imediações dos rios Gi-Paraná, Jaci-Paraná e Jamari.

Agraciado, pelo Exército, com a Medalha de Ouro, pelos 30 anos de bons serviços.

Nomeado, pelo Governo Federal, para comandar a Expedição que acompanhou o Cel. Teodoro Roosevelt, ex-Presidente dos Estados Uni-

dos da América, ao Brasil, mais especificamente entre os rios Paraguai e Amazonas. Avaliando a missão, Rondon assim ponderou:

Aceitei a incumbência de acompanhar o Sr. Roosevelt sob a condição de que a expedição não se circunscreveria sua atividade a uma excursão com episódios cinegéticos, e foi aprovado o plano de organização com o objetivo de se realizarem estudos geográficos e de história natural (VIVEIROS, 1958, p. 373). Ficou assentado que a Comissão Roosevelt-Rondon estudaria a fauna daquela região e dela forneceria exemplares ao American Museum of Natural History de New York, particularmente interessado em coleções provindas das regiões divisoras das bacias do Amazonas e do Paraguai (VIVEIROS, 1958, p. 376).

Os cientistas que compuseram a Expedição foram escolhidos por Rondon: Cherrie e Miller (zoólogos), Eusébio de Oliveira (geólogo), Tenente Lira e Rondon (astrônomos), Tenente Júlio Caetano Horta Barbosa (astrônomo e geógrafo), Tenente Lira, Kermit e Fiala (cartógrafos), Capitão Amílcar Botelho de Magalhães (responsável pelo transporte) e o Dr. Cajazeira (médico) (VIVEIROS, 1958, p. 378).

17 de dezembro - Rondon reúne membros da Comissão, próximo a Manaus, e em frente a um monumento que mandou erigir, hasteou as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos da América.

1914

Considerando o modo como foi realizado o trabalho, a boa vontade, a resistência e força de touros dos camaradas, e a inteligência e esforço incansáveis de seus chefes, só nos admirava a ignorância dos que não sabem o quanto de energia e eficiência possuem os homens dos trópicos, ou neles podem ser prontamente desenvolvidos (palavras de THEODORE ROOSEWELT).

24 de março - A Expedição Roosevelt coloca no mapa um rio até então desconhecido, o antigo Rio da Dúvida, que tomou o nome de Rio Roosevelt.

[...] é incrível a quantidade de insetos – que mordem, picam, devoram, depositam bernes, causam sofrimentos atrozes; vai além do que se possa imaginar. O patético mito da benfazeja natureza não pode ser aplicado à crueldade da vida nos trópicos (palavras de THEODORE ROOSEWELT. In: VIVEIROS, 1958, p. 385).

A 27 de abril, no acampamento do Tenente Pirineus, foi inaugurada uma placa comemorativa. Rondon conta que, na ocasião, *Foram depois salvas, vivas, alegria. Salientou o Sr. Roosevelt que fora colocado no mapa um rio de cerca de 1.500 quilômetros, inteiramente desconhecido em grande parte de sua extensão (VIVEIROS, 1958, p. 421).*

Pacificação dos índios Xokleng, por Eduardo de Lima e Silva Hoerhern, membros do SPI, no Sul do Brasil, próximo de Itajaí.

Sociedade de Geografia de Nova York confere a Rondon o Prêmio Linvingstone, Medalha de Ouro pelas contribuições para o avanço dos conhecimentos geográficos.

A Sociedade de Geografia de Nova York fez fundir, em ouro, o nome de Rondon inscrevendo-o, na qualidade de explorador que mais avantajou em terras tropicais, ao lado de Amundsen (descobridor do Pólo Sul), Peary (descobridor do Pólo Norte), Charlot (explorador que mais devassou terras árticas), Byrd (explorador que mais devassou terras antárticas).

1915

Inaugura a Linha Telegráfica de Cuiabá a Santo Antônio do Madeira, com extensão de 1.497,5 km, e os ramais de Paresis a Barra do Bugres (113 km), Santo Antônio do Madeira a Guajará-Mirim (355,9 km) e de Cáceres à cidade de Mato Grosso (30,9 km), perfazendo um total de 1.997,4 km de linhas telegráficas e estradas através do Noroeste brasileiro.

População de Santo Antônio do Rio Madeira promove homenagem a Rondon e entrega a ele um Cartão de Ouro como testemunho de gratidão por terem asseguradas as comunicações telegráficas, assim como as comunicações terrestres, do interior, com a costa brasileira, no dia 1º de janeiro.

Publicada a obra *Pelos Nossos Aborígenes*, de autoria de Rondon. Rio de Janeiro, Papelaria Macedo-RJ, 1915.

Rondon apresenta o *Relatório à Divisão de Engenharia do Departamento de Guerra e a Diretoria Geral dos Telegrafos*.

Rondon é homenageado em sua chegada, em 22 de abril, no Rio de Janeiro. Na sua avaliação, foi [...] recebido por amigos, autoridades, presidentes da Sociedade de Geografia e do Instituto Histórico, duas bandas de música da Região Militar do Rio, seguindo verdadeiro cortejo até o Hotel Guanabara, onde me hospedei e onde, com suas irreverentes máquinas fotográficas, não me davam tréguas os repórteres (VIVEIROS, 1958, p. 434).

1916

Publicadas as obras *Expedição Científica Roosevelt-Rondon* e *Exploração do Rio Paranatinga*, ambos de autoria de Cândido Mariano da Silva Rondon, editadas no Rio de Janeiro.

Cientistas que integraram a Comissão Rondon e suas respectivas áreas:

Edgard Roquette Pinto (antropólogo)

F. C. Hoehne (botânico)

A. J. Sampaio (botânico)

Alfredo Cogniaux (botânico)

H. Hans (botânico)

J. G. Kuhlmann (zoólogo)

Adolfo Lutz (zoólogo)

Alípio Miranda Ribeiro (zoólogo)

Adolfo Ducke (zoólogo)

Von Lhering (zoólogo)

Arnaldo Black (zoólogo)

H. Reinesch (zoólogo)

E. Stolle (zoólogo)

Alberto Betim Pais Leme (geólogo e naturalista)

Euzébio de Oliveira (geólogo e naturalista)

Cícero de Campos (geólogo e naturalista)

Francisco Moritz (geólogo e naturalista)

Gastão Cruls (naturalista)

O Museu Nacional promove uma série de conferências em homenagem a Rondon: de antropologia e etnologia, a cargo de Roquette Pinto, de botânica, com A. J. Sampaio, e sobre os trabalhos da Comissão, sob a responsabilidade do Prof. Alípio Miranda Ribeiro, membro da Comissão Rondon e do Museu Nacional. Essas atividades visaram testemunhar sua gratidão àquele que mais contribuiu para o enriquecimento das Coleções de Botânica, Zoologia, Etnografia e Mineralogia daquela Instituição, com mais de um século de existência, o Museu Nacional.

1917

Não é a primeira vez que sou honrado com o convite para colaborar na política do nosso Estado, sem me ter sido possível até hoje corresponder a tamanha distinção e confiança. Os mesmos motivos que me determinaram, desde 1990, a não aspirar a um lugar de comando na política nacional, prevalecem hoje, mais intensificados ainda. Positivista, desde os bancos da legendária Escola Militar, tornei-me membro da Igreja Positivista do Brasil, contraindo então compromissos de ordem moral que me inibem de corresponder ao apelo dos meus coestaduanos” (VIVEIROS, 1858).

Rondon foi sondado, pelo Presidente Venceslau Braz, para assumir a Interventoria do estado de Mato Grosso, recebendo todo o apoio dos mato-grossenses, porém, como positivista, não aceitou.

Essa plêiade de colaboradores é que permitiu a Rondon fazer da mais arrojada penetração jamais realizada através dos sertões inexplorados do Brasil, a melhor planejada e a mais fecunda. As coleções de artefatos indígenas (3.380), de plantas (8.837), de animais e minerais (5.676), constitu-

íram um riquíssimo acervo que Rondon encaminhou ao Museu Nacional perfazendo a maior contribuição feita àquela instituição em um século de existência.

O Diretor do Museu Nacional, Edgar Roquette Pinto, na obra intitulada *Rondônia*, propõe a designação de Rondônia ao território situado a Noroeste do Brasil, ao Sul do Equador, em homenagem àquele que não só palmilhou a região pela primeira vez, como ali realizou estudos científicos e etnológicos.

1918

Rondon é encarregado de coligir elementos para a elaboração da Carta de Mato Grosso.

Pacificados, pelo SPI, os índios Umotina, habitantes dos rios Sepotuba e Paraguai.

1919

Rondon anunciou a colocação de um marco importante para a futura Carta Geográfica de Mato Grosso: *No dia 17 de junho foi colocado o marco de latitude do Cautário, último vértice do grande polígono geográfico traçado pelas nossas expedições de 1917 a 1919, nas regiões da cordilheira dos Parecis e Guaporé* (VIVEIROS, 1958, p. 445).

Rondon é promovido a General de Brigada.

Em 20 de setembro Rondon é nomeado Diretor de Engenharia do Exército, mantendo também o cargo de Chefe das Linhas Telegráficas.

Rondon é agraciado com Medalha de Ouro oferecida pelos matogrossenses residentes no Rio de Janeiro, comemorativa à travessia do sertão de Mato Grosso ao Amazonas.

Rondon é agraciado com a Medalha de Bronze do *The Explorer's Club of New York*, por suas explorações na América do Sul.

Em abril, Rondon participa ativamente, em nome da Comissão, das comemorações do bicentenário de fundação de Cuiabá. Conta ele:

A colaboração da Comissão Rondon nos festejos cuiabanos se exerceu de duas maneiras: uma, com a Exposição Retrospectiva da Cartografia Matogrossense e Demonstrativa da Natureza dos Trabalhos da Comissão Rondon; outra, com a conferência que fiz, sob o título "Influência de Cuiabá na Evolução Política e Histórica de Mato Grosso". A Exposição cartográfica realizou-se no Palácio da Instrução, onde funcionavam a Escola Normal e o Liceu Cuiabano, iniciando-se às 16 horas do dia 14 de dezembro desse ano e sendo encerrada às mesmas horas do dia 21. Realizou-se minha conferência no salão nobre da Escola em a noite seguinte, isto é, 15 de dezembro, obtendo concorrência excepcional (VIVEIROS, 1958, p. 463).

1920

Rondon propõe ao Ministro da Agricultura a criação de 6 postos indígenas nos estados do Amazonas, Acre, Mato Grosso e Roraima.

Rondon é agraciado com a Medalha de Ouro - Mérito da Sociedade Brasileira de Geografia, pelo incremento dado no conhecimento científico do país.

1921

Rondon é agraciado com a Ordem de Leopoldo (*La Couronne*) da Bélgica, pelo rei Alberto I, por ocasião de sua visita ao Brasil, em reconhecimento aos serviços prestados à humanidade.

Recebe o título de sócio efetivo da Cruz Vermelha Brasileira.

Aos 30 de setembro, é designado para servir à Comissão Militar Francesa, chegiada pelo General Gamelin.

Em outubro, Rondon foi convidado, porém recusou, participar, como perito, dos trabalhos de revelação da autoria das “cartas falsas” caluniadoras do Marechal Hermes da Fonseca, atribuídas a Artur Bernardes, então candidato à Presidência da República. Em carta ao Senador Raul Soares, que o havia convidado, Rondon assim declina do convite:

[...] declino da honra de desempenhar a função de árbitro na aludida questão. Para esta minha resolução, o meu ânimo e o meu espírito não receberam outra influência senão a que resulta dos motivos doutrinários e das razões de sentimento, de educação e de hábitos que profunda e irrevogavelmente me afastam de todos os assuntos e de todas as questões que só existem e medram por força dos processos eleitorais filiados aos métodos da política democrática. Julgo dever consignar que, até o momento em que traço estas linhas, não recebi outro convite ou solicitação para me pronunciar sobre tal caso, senão esse que me veio de V. Ex.^a, e a que estou respondendo. Com todo o apreço, aguardo as ordens de V. Ex.^a em prol do amor e do serviço da Humanidade (VIVEIROS, 1958, p. 475).

1922

Rondon é agraciado com a mais alta honraria da Sociedade Geográfica de Washington, o Diploma de Sócio Honorário, em reconhecimento à suas contribuições no campo da Geografia e pela proteção dispensada aos índios.

Acompanha o Ministro Pandiá Calógeras em visita de inspeção aos novos quartéis edificadas no Rio Grande do Sul.

Pacificados, por Curt Nimuendajú, os índios Paratintin, habitantes do Rio Madeira.

Em abril, Rondon se encontrava em Cruz Alta, cuidando dos trabalhos de engenharia militar.

1923

Rondon recebe da Sociedade Geográfica de Munic, o Diploma de Sócio Honorário, pelas suas contribuições para a ciência.

Condecorado com a Medalha Crévaux (Amérique), conferida pela Sociedade Geográfica de Paris.

Agradiado com as Passadeiras de Platina, pelo Exército Brasileiro, pelos 40 anos de bons serviços.

Promovido a General de Divisão.

A Sociedade de Americanistas de Paris, outorga-lhe o Diploma Especial de Membro Honorário.

1924

Rondon é homenageado pela Academia Brasileira de Ciências por suas notórias contribuições ao progresso das ciências.

Recebe o título de Membro Correspondente da Sociedade Real Belga de Geografia.

Rondon recebe o título de Sócio Honorário da Sociedade Holandesa de Geografia de Haya.

Rondon aceita comandar as Forças em Operação contra a Coluna Prestes, nos estados do Paraná e de Santa Catarina, a convite do Ministro da Guerra. Na sua avaliação, essa foi uma das mais árduas e dolorosas tarefas, justificando sua aceitação:

Aceitei a incumbência, porque, ao receber o recado, na véspera, refletira maduramente e ouvira minha Esposa. Nunca se enganava ela na direção a seguir, porque não lho permitia a sua elevação moral. Era, além disso, perfeita a nossa identidade de pontos de vista, comungando ambos no ideal de devotamento ao bem comum – pois não fora nossa família, desde que a fundamos destinada a servir a Humanidade, servindo a Pátria e a Família? Combater irmãos! Que dolorosa contingência para quem, como eu, vivera sempre embalado pelo sonho de merecer o nome de pacificador... mas eu tinha o dever de defender o Governo constituído; minha Esposa, como eu, não via outra alternativa senão despir a farda. Mas seria esse o melhor meio de servir a Pátria? E, da longa conversa que tivemos, através da noite, quando dormiam todos os nossos filhos, ignorando o drama que ambos vivíamos, nasceu uma esperança sim, iria defender o Governo constituído para salvar minha Pátria do caos revolucionário, mas iria como pacificador, envidando todos os esforços para chamar a nós todos os nossos irmãos (VIVEIROS, 1958, p. 493).

Em agosto, Rondon recebe os cumprimentos do Ministério da Guerra pelo seu trabalho no combate aos revolucionários:

[...] como Comandante em Chefe das Tropas de Operações contra os rebeldes no Paraná e Santa Catarina, impõe-se à nossa franca admiração pela capacidade de

que deu provas no cabal desempenho das funções que foi chamado a exercer, depois de haver realizado com inquebrantável energia cívica uma grande obra em benefício da civilização. Temos, por isso, o prazer de louvar, em nome do Ex^m Sr. Presidente da República, esse General que acaba de enriquecer a sua fé de ofício com uma página brilhante de inteligência, cultura, iniciativa, ponderação, magnanimidade, tenacidade que o tornam incomparável Chefe Militar (VIVEIROS, 1958, p. 498).

1925

Rondon deixa o comando das forças legalistas, aos 12 de junho.

Solicita exoneração do cargo de Diretor de Engenharia do Exército, sendo louvado pelo Ministro de Estado pela capacidade e eficiência que demonstrou, honrando a cultura técnica do Exército.

Rondon é elogiado pelo Presidente da República por ocasião da extinção do Comando das Forças. O mesmo Presidente enalteceu seus esforços em prol da pacificação da família brasileira e como valoroso chefe militar.

Integra a comitiva representativa do Brasil nas Comemorações da Independência da República Oriental do Uruguai.

Admitido como Sócio Honorário da Sociedade de Geografia de Genebra.

1927

Rondon assume a chefia da Inspeção de Fronteiras, responsável pelos estudos das condições de povoamento e segurança das lindes brasileiras.

Rondon parte para a Amazônia a fim de inspecionar as fronteiras com as Guianas Francesa e Inglesa, com a Venezuela e Colômbia, percorrendo 17.316 km.

1928

Rondon realiza nova expedição de inspeção das fronteiras com as Guianas Holandesa, com o Peru e com a Bolívia.

Atrai o convício dos índios Urubus-Kaapor, no Posto Pedro Dantas, dirigido por Benedito Araújo, nas fronteiras do Pará e Maranhão.

1929

Rondon inspeciona as fronteiras com o Peru, Bolívia e Paraguai. A inspeção da Argentina não foi possível devido ao movimento revolucionário ali eclodido.

Com seus colaboradores do SPI, rejubila-se pela aprovação do Decreto 5.484, que determinava a demarcação das terras indígenas, especialmente nos Estados onde havia conflito, como era o caso de Mato Grosso.

1930

Rondon solicita passagem para a Reserva da primeira classe do Exército, por contar 25 anos de serviços, porém, na realidade, Rondon colaborara por 47 anos.

Pacificados os índios Pataxó-Hahahã, habitantes de Ilhéus, Sul da Bahia, pelo Inspetor do SPI, Telésforo Martins Fontes.

Agraciado com o Diploma de Sócio da Sociedade Geográfica de Roma.

1933

Transferência do Serviço de Proteção aos Índios, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, para o da Guerra, em outubro.

1934-1938

General, trata-se de servir à Pátria, não a mim, nem ao Governo. A Pátria exige que o Sr. aceite (GETÚLIO VARGAS convencendo Rondon a assumir as negociações em Letícia, In: VIVEIROS, 1958).

O nome de Rondon é dado, pelo Congresso Internacional de História das Ciências, reunido em Portugal, a um Meridiano, determinado pelo Gal. Jaguaribe Gomes de Matos, da foz do rio Essequibo, costa da Guiana Inglesa, até o Rio da Prata.

Nomeado Presidente da Comissão Mista Internacional Peru-Colômbia, criada de acordo com a Liga das Nações para velar pela execução do protocolo assinado aos 24 de maio de 1934, pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Esse protocolo visava a pacificação com relação à posse da região de Letícia.

Em julho de 1934 é instalada a Comissão de Letícia, tendo Rondon na direção dos trabalhos, permanecendo na missão até 1938. Nessa atividade Rondon perdeu uma vista, tomada pelo glaucoma.

1938

Na cerimônia de comemoração do término dos trabalhos, promovida pelo Itamarati, Rondon pôde dizer ao Embaixador Afrânio de Melo Franco, autor do Protocolo que ele lavara à prática, as seguintes palavras:

Se ao Brasil, graças ao senso altruístico de um dos seus filhos, coube a iniciativa generosa que viria dirimir o conflito internacional de Letícia, ao delegado brasileiro coube a felicidade excepcional de ter concluído a execução do protocolo, permanecendo em assistência pessoal ininterrupta na região propícia, desde o primeiro até o último dia do compromisso do estatuto protocolar[...] Fez-se assim a sementeira de fraternidade que já está produzindo frutos em nosso continente sempre aberto aos grandes ideais. Registramos jubilosamente, pela conclusão do pacto de Letícia, o êxito da primeira Comissão Internacional criada na América para resolver pendências entre nações (RIBEIRO, 1958, p. 45-46).

Agraciado com a Medalha da Ordel El Sol del Peru, pelo Governo peruano.

Homenageado no seu regresso da Comissão Mista Internacional Peru-Colômbia, pelo Ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha, no Palácio do Itamarati.

Rondon é condecorado com a Gran Cruz da Ordem do Mérito Militar.

1939

Rondon é agraciado com o Diploma e a Medalha de Gran Oficial da Ordem de Boyacá, pela República da Colômbia.

Recebido em sessão especial pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sendo seu membro honorário.

Agraciado com o título Oficial de *Civilizador do Sertão*, outorgado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Recebe um Voto de Louvor por ocasião do XXVII Congresso Internacional de Americanistas, reunido em Lima.

Agraciado com o título de membro honorário de diversos Institutos Históricos do Brasil, dentre eles os da Bahia, Ceará, Pernambuco, Amazonas, Minas Gerais, Paraná e São Paulo .

1940

Rondon ingressa, como sócio efetivo, da Associação Brasileira de Educação.

Nomeado, pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios (SPI) a prestar orientações e fiscalizar a ação assistencial do mesmo órgão.

O nome de Rondon é inscrito no Livro do Mérito da Presidência da República do Brasil, por ter sido testemunho público de reconhecimento às contribuições espirituais e materiais prestadas à nacionalidade.

Rondon publica a obra *Rumo ao Oeste*. Rio de Janeiro, snt., 1922.

Rondon publica na Revista Brasileira de Geografia (II, 4) o artigo *Etnografia*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Geografia,

1940.

Rondon publica na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (CLXXIV) o artigo *José Bonifácio*. Rio de Janeiro, IHGB, 1940.

1941

Rondon encabeça a *démarches*, junto à Presidência da República do Brasil, no cancelamento da dívida de guerra, do Paraguai, para com o Brasil.

Recebe o título de Sócio Honorário da Sociedade Brasileira de Antropologia.

Agraciado com a Medalha Tiradentes, outorgada pela Federação dos Escoteiros do Brasil.

1942

Rondon recomenda e obtém, dos poderes públicos, autorização para a criação de uma seção de documentação fotográfica e cinematográfica das tribos indígenas brasileiras, junto ao SPI.

1945

Traduzida, para o português, a obra escrita por Theodore Roosevelt, intitulada *Trough the brazilian wilderness*.

1946

O Inspetor do SPI, Francisco Meireles, pacifica os índios Xavante.

Comemoração do Dia do Índio, promovida no dia 19 de novembro, junto aos índios Bakairi, do Posto Simão Lopes.

1947

Rondon constrói, às suas expensas, as Escolas Reunidas Santa Claudina, no município de Mimoso-MT, no local onde estava a casa onde nascera. O evento que marcou essa doação ocorreu no dia 8 de agosto. As festividades foram compostas de missa campal e festa que contou com a colaboração da Banda do Comando Militar de Campo Grande – 16º Batalhão. O encerramento foi abrilhantado com baile, iluminado com luz elétrica, outra conquista de Rondon à sua terra natal, Mimoso.

Nessa ocasião, Rondon dedicou algumas palavras à sua mãe:

Minha santa Mãe,

Para mim não morreste.

Quando compreendi as doçuras da educação moral que não pude receber – porque só a Mãe pode presidir o conjunto dessa educação – comecei a te sentir na saudade que me invadia a alma, embora não tivesse tido a ventura de te conhecer e de receber teus carinhos. Nessa saudade ressuscitaste, reviveste no coração de teu filho e no daquela que se tornou tua filha pelo Sacramento que o grande São Paulo instituiu na Igreja Católica. Num preito de amor filial, de joelhos, aqui estamos, teu filho e sua angélica Esposa – esta subjetivamente. Estás viva, em nosso amor e em nossa saudade, e viverás também nas criancinhas desta escola cuja criação tua sagrada memória inspirou a teu filho. Bem verdade é que “nada há de real no mundo senão amar” (VIVEIROS, 1958, p. 623-624).

1948

No dia 13 de junho foi inaugurada a Escola Rural Santa Claudina, com a presença do Governador do Estado.

Rondon publica o *Glossário Geral das Tribos Silvícolas de Mato Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil*, tomo 1 (anexo 5), editado pela Imprensa Nacional – RJ.

Rondon publica o *Esboço Gramatical, vocabulário, lendas e cânticos dos Índios Ariti (Pareci)* editado pela SPI, 1948, em colaboração com o General Jaguaripe Gomes de Mattos.

1949

Através de memorial enviado pelo Cel. Nicolau Bueno Horta Barbosa a Ramiro Noronha, foi oficializada a posse e medição das terras dos índios Oaié, localizados no rio Brillhante e Ivinhema.

Rondon publica *Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.

1950

Rondon recebe o título de “Membre d’Honneur”, outorgado pela Sociedade de Americanistas da Suíça, por sua abnegação e ação humanitária.

1951

Circular do Serviço de Proteção ao Índio, de novembro, comunicando que, por ordem de Cândido Mariano da Silva Rondon, estava sendo enviado um impresso com a letra do Hino Nacional na versão da língua Tupi, de autoria do Dr. Faris A. S. Michèle.

1952

Rondon encaminha à Presidência da República o Projeto de Lei para a criação do Parque Nacional do Xingu, destinado à preservação ambiental e com uma população composta de nações indígenas que ali viviam.

Homenageado por ocasião das comemorações do centenário da introdução do telégrafo no Brasil.

O nome de Rondon é apresentado, por diversas instituições, ao Comitê Nobel do Parlamento Norueguês para concorrer ao Prêmio Nobel da Paz.

Concluídos os trabalhos de Elaboração da Carta de Mato Grosso, após 35 anos de trabalho, sob o comando de Rondon.

O Inspetor do SPI, Cícero Cavalcanti, estabelece relações pacíficas com os índios Kaiapó, Kubén-krankegn, habitantes do Sul do Pará.

1953

Inauguração do Museu do Índio (RJ), detentor de um dos mais expressivos acervos concernentes ao SPI, assim como da Biblioteca General Rondon, especializada em etnologia e lingüística Indígena Brasileira.

SPI pacifica os índios Prakanân e Asurini, habitantes do Sul do Pará.

1954

XXXI Congresso Internacional de Americanistas, sob a Presidência de Honra de Rondon, se reúne na cidade de São Paulo.

1955

Rondon termina a elaboração de sua obra *Índios do Brasil*, em 3 volumes, com a colaboração de Antônio Pirineus de Souza.

Recebe a patente de Marechal do Exército Brasileiro, outorgada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal.

Agraciado com o título de Doutor *Honoris Causa*, outorgado pela Universidade do Brasil (UnB) e também com o Diploma e a Grã Cruz da Ordem do Mérito da República Italiana.

Museu do Índio inaugura a Exposição “Rondon, Civilizador do Sertão”.

Congresso Nacional outorga o nome de Rondônia ao antigo território do Guaporé.

1956

Rondon solicita ao Congresso Nacional que preserve o Serviço de Proteção aos Índios (SPI), livrando-o da desmoralização e descaracterização que o ameaçavam. Essa solicitação foi feita no XVII Congresso Internacional de Geografia.

Recebe o Título e a Medalha “Isabel, a Redentora”, outorgados pela Sociedade Tradicionalista Brasileira (RJ).

O *Compte Provisoire*, da 39, Conferência Internacional do Trabalho, reunida em Genebra, noticia a aprovação de uma recomendação aos países membros sobre as condições de vida e de trabalho das populações indígenas, reiterando os princípios fixados pelo SPI, em 1910.

1957

Movimentação nacional e internacional para a candidatura de Rondon ao Prêmio Nobel da Paz.

1958

Rondon falece, aos 19 de janeiro, no Rio de Janeiro, Seu corpo é sepultado, com honras de Estado, no Cemitério São João Batista, na cidade do Rio de Janeiro.

Sessão especial da Câmara dos Deputados de homenagem ao Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, na sessão de 24 de janeiro de 1958. Fizeram uso da palavra, nesta ocasião os Srs. Benjamin Farah, Philadelpho Garcia, Joaquim Rondon, Áureo Melo, Tenório Cavalcanti, Ponciano dos Santos, Carlos Albuquerque, Lucídio Ramos, Rogê Ferreira e Yukishigue Tamura.

REFERÊNCIAS

- BIGIO, Elias dos Santos. **Cândido Rondon: a integração nacional**. Rio de Janeiro, Contraponto; Petrobrás, 2000.
- RIBEIRO, Darcy. **O indigenista Rondon**. Rio de Janeiro, ESG, 1958.
- RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.
- VIVEIROS, Esther de. **Rondon conta sua história**. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1958.



TRAJETÓRIA DE RONDON

VIDA MILITAR E COMISSÃO RONDON

Nilza Queiroz Freire¹

Nascido na localidade de MIMOSO (ou Sesmaria do Morro Redondo), em 05-05-1865, recebeu o nome de CÂNDIDO MARIANO DA SILVA; foi um apaixonado pelo seu torrão natal, do qual fez a seguinte invocação:

Incomparável Jardim da Natureza, emoldurado de verdes morrarias, adornado de alteraneiros buritizais e densas cordilheiras de cambarazais; circundado de volumosas baías que escoam para o rio Ibitirá (Cuiabá), o pantanal do Mimoso, bucólica localidade em que nasci, é o rincão pastoral mais belo da terra de Antônio João (1) do Brasil inteiro, quiçá do mundo!

Mimoso é distrito do município de Santo Antônio de Leverger (2), antigamente, Santo Antônio do Rio Abaixo.

Com o Mimoso, Cândido Mariano se ocupava todas as manhãs, em correspondência destinada aos seus inúmeros parentes mimoseanos. Todos lhe devotavam o maior respeito, acatando sua opinião ao decidir qualquer assunto, mesmo estando ele em idade avançada, quase sem vista, debilitado pela perda dos seus familiares mais chegados, a esposa e filhas; no meio de tantas preocupações, destacava-se o Serviço Nacional de Proteção aos Índios, ao qual deu o melhor de si.

Após a perda do seu pai, Cândido Mariano ficou sob o poder do seu tio Manoel Rodrigues da Silva, em Cuiabá-MT, onde estudou até concluir a Escola Normal.

1 Membro da Academia Mato-grossense de Letras. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Pouco antes de se formar, procurou o tio para falar dos seus planos – pretendia prosseguir com os estudos, no Rio de Janeiro, ao que o tio respondeu: *não tenho recursos para mantê-lo*. Cândido Mariano contra-argumentou: “não estou falando em recursos, estou pedindo, apenas, seu consentimento; não se preocupe; terminado meus estudos em Cuiabá-MT, assentarei praça planejando minha entrada na Escola Militar”.

O tio, inconformado com as aspirações do sobrinho, procurou seu amigo, o médico Dr. Malhado, que lecionava pedagogia na Escola Normal e conhecia muito bem o aluno Cândido Mariano, havendo aprovado-o com distinção.

Ao retornar, o tio estava entusiasmado com a idéia de adotá-lo, para que o sobrinho não iniciasse a vida como soldado, mas como cadete, na qualidade de filho de Capitão da Guarda Nacional; *o Dr. Malhado ficou de providenciar-lhe carta de recomendação*, concluiu o tio.

A alegria dele (tio) durou pouco, porque Cândido Mariano não aceitou a adoção, dizendo: “pai só tem um, o senhor é meu tio, a quem devoto muita estima e consideração”.

O sobrinho assentou praça e dispensou a carta de recomendação, uma vez que queria vencer com seu próprio valor.

Seu tio, Manoel Rodrigues da Silva, vivia às voltas com um homônimo, difamado pelos jornais pelo seu mau comportamento; assim sendo, resolveu acrescentar, ao seu nome, o apelido da sua mãe: Rondon; daí porque passou a assinar-se Manoel Rodrigues da Silva Rondon.

O estudante da Escola Militar, Cândido Mariano, não tinha livros porque não podia adquiri-los. Por isso, sua atenção nas aulas era de absoluta concentração, fazendo algumas anotações para, posteriormente, na Companhia, recompor as preleções didáticas referentes à Matemática.

Às 4h00 já estava em pé; tomava banho de bica ou banho de mar, tudo muito rápido, uma vez que, antes das 5h00, já estava envolto nos estudos, sob a luz de candeeiro, enquanto seus companheiros dormiam. Quando tocava “revista”, fechava a gaveta e descia emperdigado, como de costume.

Estudava com entusiasmo, esforçando-se para conseguir 10 em todas as sabatinas, a fim de conquistar o título de “alferes aluno”.

Como não se alimentava bem, passando a pão e feijão, baixava à enfermaria, freqüentemente, com perturbações gastrointestinais, no ano de 1885. Chegou a sentir-se tão mal, quando se dirigia à aula de Benjamin Constant, chegando a desmaiar, rolando escada abaixo. Quando recuperou os sentidos, estava na casa de um colega mato-grossense, Jorge Otaviano da Silva Pereira, avô - pelo lado paterno - de Otávio Otaviano da Silva Pereira, residente em Cuiabá-MT.

Sentia vontade de tomar banho de cachoeira, mas suas forças não lhe permitiam. Lembrava das suas proezas na Praia Vermelha, quando mergulhava até o fundo do mar, para apanhar peixes que se escondiam das bombas de pescaria. Como mergulhava muito bem, trazia à tona, peixes presos aos dentes, além dos que as mãos podiam segurar. Era divertido pelo entusiasmo dos colegas, apreciando aquela façanha, sentindo-se incapazes de tal atrevimento.

Agravava-se o estado de saúde de Cândido Mariano, a ponto de perder muito peso, reduzindo-se a “pele e osso”.

Seus colegas foram visitá-lo e, tal o seu péssimo estado de saúde, resolveram fazer subscrição para o enterro, rotina na Escola Militar, para os alunos pobres. Como em sua vida sempre houve imprevistos, chamou os amigos Jorge Otaviano e Fontoura, dizendo-lhes que apetecia comer abacaxi – o que fora interpretado como delírio aos olhos dos citados amigos.

Foram consultar o Dr. Brancante sobre o apetite do estudante e, aquele, dando de ombros, concordou para não contrariar o paciente, do qual nada mais se podia esperar... O abacaxi lhe fora apresentado, cortado em pedacinhos e o paciente o saboreou com prazer; em seguida, deitou e “sentiu paz de criança dormindo”. Acordou com novo ânimo e, percebendo sua melhora, pediu, então, que sua alimentação fosse abacaxi e uva. Quando o Dr. Brancante constatou sua recuperação, suspendeu os remédios e prescreveu alimentação à base de frutas.

Voltou a freqüentar as aulas e, na sua turma, dois alunos se destacavam com a nota “distinção grau 10”; o primeiro, Cândido Mariano da Silva e, o segundo, Aníbal Cardoso.

Em uma sabatina, fora apresentada uma questão simples, que podia ser resolvida por cálculo aritmético; o mimoseano preferiu solucionar a questão por equação diferencial, chegando ao mesmo resultado. Proclamada a classificação, o Cel. Amarante conferiu o 1º lugar, a Aníbal Cardoso e, o 2º, a Cândido Mariano da Silva, argumentando o seguinte: numa questão simples que podia ser resolvida por aritmética, Cândido Mariano escolheu cálculo diferencial e integral, mais complicado... Emocionado, o aluno que perdera o 1º lugar, ficou calado diante da injustiça e não conteve as lágrimas, ferido pela 2ª classificação.

Continuou estudando para conseguir seu objetivo, ou seja, “alferes aluno”, prêmio muito difícil de se obter, reservado aos alunos do 1º e 2º anos, que não tivessem nota inferior a “plenamente” em nenhuma matéria. Era condição rígida para o curso de engenharia militar.

Em 1886, Cândido Mariano era o 1º na lista para a promoção a “alferes aluno” e, como a promoção não saía, dirigiu um requerimento ao Co-

mandante da Escola, dizendo que não se conformava com essa indefinida providência. Foi chamado à presença do Comandante, que lhe explicou, com bondade, o quanto é importante a disciplina militar... Seu requerimento foi um ato de indisciplina, sujeita à prisão na fortaleza de Santa Cruz, mas, como o conhecia de perto, encerraria o episódio com advertência. Emperdigado, isto é, boa postura, ereto, firme, olhava o Comandante nos olhos e não conteve as lágrimas grossas e silenciosas.

Pouco tempo depois do seu requerimento, fora promovido a “alferes aluno”, em 04-07-1888, passando a receber o soldo de 50\$000 (cinquenta mil reis) mensais, que constituía uma fortuna para a época, principalmente para ele que costumava ser impassível ante a dor e a adversidade.

Quando já possuía os cursos de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e quase o Estado Maior de 1ª classe, obteve o primeiro posto de oficial, como simples soldado aluno. Nesse mesmo tempo, concluiu o curso de Estado Maior de 1ª classe, tendo, como professor de astronomia, o major Oliveira.

Na Escola Superior de Guerra, Cândido Mariano terminou o estudo de matemática superior - cálculo das funções -, sendo aluno do professor Benjamin Constant.

O Governo criou a cadeira de alemão e o mimoseano se matriculou no curso, cujas aulas eram transmitidas pelo genro (alemão) de Benjamin Constant.

Desligado da Escola Superior de Guerra a 08-01-1890, 55 dias após a Proclamação da República, recebeu o título de Engenheiro militar e o diploma de “Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais”.

Depois de formado, requereu ao Ministro da Guerra, permissão para acrescentar Rondon ao seu nome, em homenagem ao tio Manoel Rodrigues da Silva Rondon, que quisera ser seu pai. Depois de deferido seu requerimento, passou a assinar CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON.

Participou de dois movimentos cívicos: a Lei Áurea (libertação dos escravos) e a proclamação da República.

Pertenceu ao Apostolado Positivista do Brasil - com os ardorosos moços da Escola Militar -, orientado pelo seu amado Mestre, Tte. Cel. Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Em 23-12-1889, Cândido Mariano da Silva Rondon fora nomeado como Ajudante na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá a Araguaia - Estado de Mato Grosso -, chefiada pelo major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, que necessitava de um ajudante mato-grossense, uma vez que, o titular, capitão Manoel Caetano de Faria Albuquerque - também de Mato Grosso -, candidatara-se a uma cadeira de deputado.

Gomes Carneiro ficou entusiasmado com a indicação de Cândido Mariano, mato-grossense, classificado em 1º lugar na Escola, o qual fora

desligado da Escola Superior de Guerra em 08-01-1890, com o título de engenheiro militar e o diploma de bacharel em matemática e ciências físicas e naturais; ato contínuo foi promovido a 2º tenente de artilharia.

Nesse posto ficou somente três dias, havendo sido promovido a “1º Tte. do Estado Maior de 1ª classe, por relevantes serviços”. Essa promoção foi sugerida pelo engenheiro militar Serzedelo Correia que, em vibrante discurso, indicou-o ao posto imediato, a todos que tomaram parte no “15 de Novembro”; propôs, também, que, de tenente-coronel, fosse Benjamin Constant promovido a general e, Deodoro, a generalíssimo.

O trabalho de Cândido Mariano da Silva Rondon na Comissão Cuiabá-Araguaia, pode ser considerado uma epopéia – grande e heróico! Senão, vejamos:

Não deixava cair o ânimo dos seus subordinados e, como maior preocupação, adotava a seguinte ordem: “Antes de tudo o soldado; o chefe fica com as sobras”.

Como conhecia muito bem o sertão, tirava o possível da Natureza e, assim sendo, ordenou ao Sargento: “vamos fabricar açúcar; convoque homens suficientes para derrubar alguns buritizeiros, de cuja seiva faremos melado; o buriti é conhecido, também, como “árvore da vida”, porque nos fornece ótimo palmito, valorosa seiva, além de frutos”.

No tronco do buriti fizeram cortes triangulares, suficientes para extrair a seiva que jorrou com abundância, enchendo dois baldes; em seguida, fora levada ao fogo – em um tacho – para ferver, até se transformar em grosso melado que, provado, estava saborosíssimo! Com essa providência, podia-se adoçar o chá de douradinha (*maurícia vinífera*) dos componentes da Comissão.

Para melhorar o cardápio, Cândido Mariano, com sua infalível pontaria e como apaixonado caçador, acertava um jacu ou um mutum.

A comida estava escassa e teve dias que, no jantar, só tinham uns pedacinhos de carne-seca e uma marreca; a farinha se acabaria em dois dias; a salvação foi o caitetu – em número de dois –, que os cachorros mataram.

Saíram do Pantanal e atravessavam capões de uauaçu, quando deparam-se com uma vara de queixadas; conseguiram matar cinco e prepararam carne-seca e moqueada, com essa caça, espécie de porco do mato.

Freqüentemente, os membros da Comissão comiam cobras, macacos e até lobos, por falta de carne-seca com farinha ou de melhor caça. Só não comeram urubu, porque o chefe, Cândido Mariano, também não comeu aquela galinha preta, cujo fedor, ao cozinhar, era nauseante!

No sertão de Mato Grosso podiam contar com mel de “manduri”, da “tata”, da “uruçu”, da “bojuí”, o qual pode ser considerado poema de perfume e sabor, de que não podem fazer idéia os que só conhecem o mel “apis melífica”.

A Comissão, portanto, contava com mel e palmito, abundantes, na alimentação dos seus membros; além disso, era circunstância acidental.

Nos lugares habitados, por onde a Comissão passava, seus componentes eram muito bem recebidos, por humildes sertanejos, como sempre acontece entre os mato-grossenses simples.

Cândido Mariano fora informado da captura de um soldado que deserdara e da fuga de dois outros. Resolveu pedir ajuda na aldeia de caça do **Chemejera** Oarine-Ecureu; atendeu-o, prontamente, pondo à disposição da Comissão, sete índios. Em Santa Luzia, Cândido Mariano assistia ao trabalho dos índios em chalanas... “Só eles teriam podido realizar tal façanha – o transporte de tão pesado material através do imenso pantanal -, mesmo porque só eles o conheciam a fundo”.

Quando Cândido Mariano se encontrava em Corumbá, recebeu carta do Frutuoso comunicando-lhe o falecimento do seu querido tio Manoel Rodrigues da Silva Rondon; graças à sua bondade, pode seguir a carreira militar e organizar sua adorada família; suportou a dor e pode continuar a cumprir seu dever, com resignação e energia.

Num trabalho de levantamento de postes, dirigido pelo Alferes-aluno Francisco Bueno Horta Barbosa, este fora sacrificado quando, o devotamento no cumprimento do dever, levou-o à morte trágica. “Tendo-se dado, nas águas de uma baía próxima do Saram, o extravio de um dos postes que estavam sendo arrastados por meio de carretão, deixou ele algumas praças incumbidas de retirar o poste do fundo da baía e foi, pessoalmente, verificar quantas estacas estavam ainda sem poste.” Como até o escurecer ele, Francisco Bueno, não havia retornado, deixaram para o dia seguinte, as buscas na corixa do Saram, que estava completamente cheia. Avistaram, bem próximo, o luar – montaria do desventurado oficial -, pastando tranquilamente, tendo somente o cabresto, pois, os arreios estavam submersos. Finalmente, encontraram no fundo do Passo da Corixa Saram, o esqueleto do brilhante alferes-aluno Francisco Bueno Horta Barbosa, devorado pelas piranhas (pequenos e voracíssimos peixes), permanecendo as pernas, somente na parte protegida pelas botas; o esqueleto estava limpo!...

Cândido Mariano providenciou inquérito para apurar a causa do triste falecimento...; o pesar o invadia e não podia conter as lágrimas, aliás, todos os membros da comitiva ficaram consternados [...]; percebia-se lágrimas nos olhos de muitos daqueles homens, enrijados pela vida do sertão. Reconstituindo a tragédia, tendo à frente o próprio Cândido Mariano, era necessário transpor a Corixa do Saram, mesmo com o Pantanal cheio; o oficial encarregado da travessia, não sabia nadar, sendo substituído pelo Francisco Horta, que se ofereceu para trocar o serviço.

Os soldados seguiram na frente, na canoa, que levou, também, o soldado que não sabia nadar. Posteriormente, seguiu Francisco Horta e, no meio da corixa, foi atirado n'água pelo burro em que estava montado. O animal, certamente, fora atacado pelas temíveis piranhas e, quando há sangue, as piranhas se enfurecem, reunindo-se em cardume para não deixar nada escapar. O animal picado – com a mordedura da piranha –, corcoveou e correu para a margem, deixando, certamente, o alferes-aluno entregue aos ferozes peixes.

Cândido Mariano recomendou que se providenciasse uma placa de bronze, no local onde se supunha ter perecido o alferes-aluno.

Encerrou-se, tragicamente, a vida tão preciosa de Francisco Bueno Horta Barbosa – até fisicamente era um belo rapaz -, vítima de seu excessivo desvelo no cumprimento do dever e da sua admirável dedicação ao bem-comum...

Em Forte de Coimbra – à margem do rio Paraguai - encontrava-se instalado o 25º Batalhão, tendo, como cabo, o ex-Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas.

Nos trabalhos em Aquidauana, tremendos obstáculos foram enfrentados, criados por fortes chuvas, pelos pantanais e pela falta de carretas; difíceis condições foram encaradas... tendo, como exemplo, ser necessário – às vezes – 30 homens para fincar um poste, durante três horas! –, quando a produção era de 100 postes, média diária. Os trabalhos não foram suspensos nem na data de 02 de novembro, Dia dos Mortos.

Todas as datas cívicas não passavam despercebidas a Cândido Mariano; publicava ordem do dia, em comemoração, e providenciava habituais telegramas.

Numa noite infernal – pela quantidade de mosquitos, embora com mosquiteiro -, os animais de montaria passaram, à noite, em volta de suas redes e, um deles, veio se coçar na rede de Cândido Mariano, que se acordou, pensando tratar-se de onça. “A onça, dizem os vaqueiros, não ataca homem barbado, nem se atira à gente que dorme sob mosquiteiro, porque não sabe de que lado está a cabeça.”

O lema que norteou os trabalhos do grande sertanista, em relação aos nossos irmãos índios, era o seguinte: “Morrer se necessário for; matar nunca.”

No seu árduo trabalho, não se esqueceu de destacar sua mula Barétia, traquejada no sertão; tratava-se de mula crioula – com qualidade melhor que qualquer outra -, adquirida “na fazenda Arrozal, em Mimoso, do fazendeiro Prudente Gonçalves de Queiroz.”

Em 1907, quando Cândido Mariano da Silva Rondon tinha o posto de major do Corpo de Engenheiros Militares, foi nomeado chefe da Comissão

Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, incumbida de ligar Cuiabá-MT a Santo Antônio do Madeira-AM; posteriormente, rumo ao Acre, a primeira a alcançar a região amazônica. A partir de então, esse trabalho foi identificado como “Comissão Rondon”.

Paralelamente à implantação das linhas telegráficas – que abrangeu extenso território -, foram realizados valiosos estudos científicos, incluindo: flora, fauna, geografia e etnologia indígena.

“A Comissão Rondon construiu 2.270 km de Linhas Telegráficas e 28 Estações Telegráficas; realizou o levantamento de 50.000 km lineares de terras e de águas; determinou mais de 200 coordenadas geográficas; inscreveu na cartografia brasileira 12 rios até então desconhecidos e corrigiu informações sobre o curso de outros tantos” (3).

Comemora-se, neste exercício de 2007, o centenário dessa epopéia, cujos trabalhos - grandioso e heróico - foram realizados entre 1907 a 1915.

Ainda, na citada Comissão, Cândido Mariano empreendeu, em 1913, uma expedição com o ex-Presidente dos Estados Unidos, Theodoro Roosevelt, à região Amazônica (4). É desse estadista, a frase: “A América pode apresentar duas realizações ciclópicas: ao Norte, o Canal do Panamá; ao Sul, o trabalho de Rondon – científico, prático, humanitário.”

Lembramos que o Canal do Panamá liga os oceanos Atlântico e Pacífico.

O renomado mato-grossense, ao longo da sua vida, fez brilhante carreira Militar, sendo, finalmente promovido, em 1955, pelo Congresso Nacional, a Marechal do Exército Brasileiro, aos 90 anos.

Faleceu no Rio de Janeiro, em 19-01-1958, aos 93 anos, sendo, seu corpo, velado no Clube Militar, com honras de chefe de estado.

Pelos 50 anos do seu passamento, foi providenciada missa na Catedral Metropolitana de Cuiabá-MT ao desbravador mato-grossense, conhecido internacionalmente. Em seguida, a Secretaria de Cultura – tendo à frente o Secretário João Carlos Vicente Ferreira, no Governo Blairo Maggi -, colocou cesta de flores no pedestal do seu busto, no Jardim Alencastro, e descerrou a placa, juntamente com o comandante do 44º Batalhão de Infantaria Motorizado, Cel. Antônio Jorge Dantas de Oliveira, na qual constam os seguintes dizeres:

MARECHAL CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

*05-05-1865 +19-01-1958

Nesta data, o Governo do Estado de Mato Grosso homenageia Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon pelos 50 anos de falecimento. Um dos maiores feitos dessa figura ilustre da história mato-grossense, foi a integração promovida pela Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, iniciada em março de 1907. Cuiabá, 19 de janeiro de 2008.

Cândido Mariano, merecidamente, faz jus a todas as homenagens recebidas, tais como me lembro: nome de rua, aeroporto, estado de Rondônia, Unirondon etc, culminando com a de Patrono das Comunicações.

No centenário da Comissão Rondon, desejamos mostrar um pouco do seu gigantesco trabalho, a fim de que as novas gerações o conheçam e, ao ostentar celular, deverão lembrar que o caminho foi aberto por Cândido Mariano da Silva Rondon.

Tinha grande preocupação com os índios, sem nenhum amparo do Governo, tidos como bravos, perversos, cruéis; na verdade, são ferozes, somente, para se defender dos brancos, dizia Rondon.

Na data de 07-09-1910, Cândido Mariano inaugurava o Serviço de Proteção aos Índios, sendo seu primeiro Diretor.

Em 1939, quando pretendia encerrar seus serviços ativos à sua Pátria (o Brasil), foi designado para presidir o “Conselho Nacional de Proteção aos Índios”- de caráter honorífico -, com a finalidade de indicar normas de política indígena, capacitada a manter a unidade social da raça e determinar a felicidade do índio.

Pronunciou discurso enaltecendo a valiosa colaboração indígena nos trabalhos empreendidos de São Luiz de Cáceres a Santo Antonio do Rio Madeira, da bacia do Prata a do rio-mar, pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. “Essa travessia de cerca de dois mil quilômetros de penetração no Noroeste mato-grossense, fora executada através de tribos e nações de índios daqueles confins ocidentais da Pátria, ainda em estado de guerra”.

CORRETIVOS EM NOME DA DISCIPLINA

Em junho de 1894, quando Cândido Mariano se preparava para levar sua família ao Rio de Janeiro, já com as bagagens a bordo, recebeu telefonema dizendo que os soldados da Comissão, em revolta, expulsaram os oficiais

e, no acampamento de Quebra-Pote, entregaram-se à desenfreada orgia, quase todos alcoolizados.

O tempo era limitadíssimo... como partir, deixando a Comissão em total indisciplina? O pensamento agiu rápido e não hesitou em transmitir a seguinte instrução:

— “Ordenança, o meu cavalo”, embora soubesse que não retornaria a tempo para viajar com a família, sendo a decisão acatada pela sua esposa.

Ao chegar em Quebra-Pote, desmontou-se num salto, e ordenou:

— “Corneteiro, tocar a reunir soldados acelerado. Repita! Repita!”.

Os soldados obedeceram ao toque – os lúcidos e os embriagados, instintivamente.

Nova ordem:

— “Corneteiro, gritou, tocar a reunir oficiais acelerado. Repita! Repita!

Foram chegando esses últimos, saindo da mata onde haviam se refugiado.

Quando já estavam em forma, falou – aos soldados – sobre a gravidade da indisciplina, o que os tornava indignos da farda que vestiam.

Depois, dirigiu-se aos oficiais: “Um oficial não pode abandonar o seu posto – nele morre, se necessário for.”

Em seguida, destacou um pelotão para buscar varas no mato e, ato contínuo, com os soldados em forma, foram vergatados durante uma hora .

Retornou amargurado – após deixar cada qual no seu posto –, uma vez que lhe doía intensamente haver sido forçado àquela atitude, recorrendo ao processo do Conde Lipe. Passou a refletir sobre a remessa de homens indisciplinados para trabalhar na Comissão, estando na fase de “obediência forçada”; eram maus elementos, “entre eles os cem revoltosos da fortaleza de Santa Cruz.”

Outro episódio de indisciplina: resolveram eliminar Cândido Mariano, com o seguinte plano: na hora do pagamento, assassinariam os oficiais e se apoderariam do cofre do contingente. Aconteceu que, vinte praças, rebelados contra a ordem estabelecida, acovardaram-se e fugiram à noite, sendo, a fuga, descoberta na chamada do dia seguinte.

Sucedeu que, o plano fora revelado – a Cândido Mariano – por um sargento que teve conhecimento do assunto, através de uma praça (soldado), antes de fugir.

Para manter o princípio da autoridade, Cândido Mariano autorizou a organização de dois contingentes, fortemente armados, instruídos a prender os fugitivos ou atirar, no caso de desobediência.

Tomaram o rumo da Bolívia e um dos pelotões reconduziu os fugitivos, que ficaram presos ao acampamento.

Cândido Mariano expôs, aos trânsfugas, a gravidade do ato praticado e, pior que isso, o que haviam planejado; completou sua exposição dizendo

que, “a disciplina do sertão, tinha de ser a disciplina de um lugar onde não havia cadeia.”

Em seguida, resolveu desligar os menos culpados, ordenando seus recolhimentos ao batalhão; ato contínuo, mandou “que o cabeça ficasse em frente à sua barraca, as mãos amarradas ao pau da bandeira, a olhar para seu comandante, a meditar sobre a sinistra idéia de o querer assassinar. O soldado começou a chorar.” O castigo se prolongou por uma semana, sob o copioso choro em altos clamores.

Finalmente, chamou o comandante do contingente, ordenando que soltasse o soldado e o trouxesse à sua presença, em frente ao contingente formado. Depois de recordar seu mau feito, disse-lhe: você será perdoado, por duas razões:

- primeiro, porque foi levado pelo egoísmo;
- segundo, porque é um covarde, não assumindo as conseqüências do seu ato.

Declaro, então, que é indigno de usar a farda de soldado e, assim sendo, vou ordenar sua saída da Comissão, encaminhando-o ao batalhão. Será a oportunidade para provar que se regenerou.

TERCEIRO ATO DE INDISCIPLINA:

De 81 praças, a Comissão estava reduzida a 30, dizimados pela malária e a polinevrite; registrou-se muitos óbitos e foi necessário separar os mais doentes, enviado-os para a guarnição de Cuiabá-MT; além disso, houve 17 deserções...

Nessa circunstância, Cândido Mariano pediu ajuda aos Bororos e foi prontamente atendido, da seguinte forma:

– O Pagé Báru apresentou-se com mais de 120 índios, incluindo homens, mulheres e crianças; depois, chegou o cacique Oarine Ecuréu, com 150 índios, entre eles um índio ferido por haver travado luta com onça preta. Dentro da cultura indígena, “quem matar onça ou veado mateiro, morrerá dentro de pouco tempo e não de morte natural”; daí porque o índio ferido limitou-se a se defender.

Cândido Mariano mandou formar o contingente e os índios, explicando: “ficam os soldados proibidos de visitar os acampamentos indígenas, a não ser acompanhados e com autorização. Por outro lado, se a ordem for esquecida, deverão, os índios, agarrar quem a transgredir, trazendo o faltoso à minha presença.”

O serviço prosseguia normalmente, com a forte colaboração dos índios; entretanto, numa determinada noite, Cândido Mariano acordou com enorme alarido no acampamento, seguido pela tribo a falar e gesticular, trazendo o soldado faltoso, suspenso, acima das cabeças, para a presença do seu chefe.

Pelo adiantado da hora, deixou o assunto para o dia seguinte; então, pela manhã, com os índios reunidos – aguardavam a decisão do **pagmejera** (nome com que os silvícolas se referiam a Cândido Mariano) -, mandou amarrar o faltoso ao tronco, considerando que não se contava com cadeia; o cacique Oarine Ecureu aplaudiu o **pagmejera**, por aplicar o devido corretivo no descumprimento da sua ordem.

QUARTO ATO DE INDISCIPLINA:

Lamentavelmente, o incidente se repetiu quando um soldado, pensando não ser notado, foi agarrado pelos índios e levado à presença de Cândido Mariano que, dessa vez foi mais enérgico, dirigindo-se ao contingente e aos índios formados:

— “Esta surra é a que os índios tinham o direito de lhe aplicar. Penso que, para sua dignidade, é melhor que seja vergastado por ordem do seu próprio comandante.”

VIVÊNCIA

Meu pai, Tarcílio Fernandes de Queiroz, era de Mimoso, localidade de nascimento de CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON. Lembrava a veneração dos mimoseanos ao conterrâneo ilustre, que não se esquecia do seu povo, e, nas suas viagens a Mato Grosso, visitava seu torrão natal.

Nessas ocasiões, o líder comunitário, Prudente Gonçalves de Queiroz, convocava os cavaleiros para, juntos, receberem o mimoseano.

Antônia Dias de Moura, também conterrânea de Rondon, contou-me que, Prudente – aquele que vendeu a mula “Barétia” a Cândido Mariano – coordenava a concentração que se realizava na casa de Antônio Dias, no Capão do Acori, beira de rio.

Prudente, montado, levava outro cavalo, devidamente aparelhado, destinado a Rondon que partia de Cuiabá, via Santo Antônio de Leverger, até alcançar a comitiva de cavaleiros mimoseanos; após o encontro, a citada comitiva seguia para o “rincão pastoril mais belo da terra de Antônio João do Brasil inteiro, quicá do mundo!” – o MIMOSO, nos dizeres de Cândido Rondon.

Durante a espera, Dona Oacy (esposa do Prudente) providenciava a hospedagem com iguarias pantaneiras, não se esquecendo de uma bela rede lavrada, para descanso do hóspede, após o almoço.

No programa de vida de Cândido Mariano - “fazer a felicidade de meus irmãos do Mimoso” -, constava a fundação de uma escola. Não pode construí-la nos seus anos moços, por falta de recursos; entretanto, quando – como mediador – participou da Comissão Mista (Brasil-Peru-Bolívia), instalando-se em Letícia, teve, finalmente, meios para realizar seu intento

porque, como General em exercício de funções oficiais, no estrangeiro, seus vencimentos deveriam ser pagos em ouro, ou seja, vencimentos quadruplicados.

Com essa economia – recusando subvenção governamental que lhe fora oferecida –, deu início à obra, em 1947, aceitando do Governo, apenas, o diretor de obras de Cuiabá, engenheiro José Garcia Neto, posto à sua disposição para dirigir a construção. Entre os operários, destacava-se como mestre de obras, Maurino de Almeida Lima, marido de D. Olga Gonçalves de Queiroz Lima, que me transmitiu essa informação.

Comunicou o Governador de Mato Grosso – Arnaldo Estêvão de Figueiredo – que, sua visita ao Mimoso, não seria apenas sentimental, mas a concretização de um sonho; construir uma escola no local que sua mãe faleceu e que ele nasceu; iria lançar a pedra fundamental.

O Governador se ofereceu para acompanhá-lo, oportunidade que teria de conhecer Mimoso; também fez parte, o Ministro da Agricultura, o Dr. Fernando Costa e o Rev. Frei Leitz; a viagem fora realizada em 07-08-1947.

A uma légua de distância de Mimoso, foram recebidos por 70 cavaleiros, “formando guarda de honra ao carro governamental em que eu viajava.”

Era a primeira visita de um Governador do Estado de Mato Grosso àquele “Jardim da Natureza” – MIMOSO, que se engalanara, com seus habitantes em roupas de festa.

Naquele local – humilde rancho de palha onde nasceu em 1865 –, perfeitamente demarcado por uma pitombeira, depositou os restos mortais da sua mãe – identificado por um marco para assinalar o acontecimento –, os quais mandou exumar, da localidade de Morrinho, entre as baías Sea Mariana e Xacororé.

No dia seguinte, 08-08-1947, houve missa campal, em frente à capelinha da povoação; posteriormente, todos se encaminharam para o local da cerimônia, iniciada com a leitura da Ata. Em seguida, animada festa, com banda de música do 16º Batalhão de Caçadores – hoje, 44º Batalhão de Infantaria Motorizado – por ordem do Comandante da Região de Campo Grande e, para fechar a data, houve baile, iluminado a luz elétrica.

Um incidente deve ser revelado:

- Durante a missa campal, o alemão que a oficializava, Rev. Frei Leitz, em plena mocidade, sentiu-se mal por duas ou três vezes, em função do sol escaldante; o General octogenário levantava-se da platéia para acudi-lo e reanimá-lo, a fim de concluir o ofício...

Antes de completar ano, ou seja em 13-06-1948, a obra foi inaugurada, identificada como Escola Rural Santa Claudina – em homenagem à senhora sua mãe –, com a presença do Governador de

Mato Grosso, Dr. Arnaldo. Na ocasião, duas mocinhas mimoseanas fizeram entrega de flores:

- a Cândido Mariano, coube a Imenes Gonçalves de Queiroz, filha de Prudente;
- ao Governador de Mato Grosso, Dr. Arnaldo, ficou a cargo de Carlinda Dias de Moura, filha de Joaquim Dias de Moura.

Após as festividades, o General Rondon perguntou ao Dr. Arnaldo:

— Sabe montar, Governador?

Com a resposta positiva, pediu que mandasse arrear dois cavalos; ato seguinte, o mimoseano saiu galopando...; o Governador o acompanhou.

Diante do rio Mutum, o General tirou a roupa e se atirou n'água, nadando; o Governador – nascido em Rosário Oeste/MT – fez o mesmo, demonstrando igual resistência indígena do mimoseano, com 83 anos, na época.

Essa passagem contou-me Lélia Rita Euterpe de Figueiredo Ribeiro, filha do ex-Governador Arnaldo Estêvão de Figueiredo.

Cândido Mariano fez expediente ao Ministério de Agricultura, comunicando a fundação da Escola Rural Santa Claudina, em Mimoso, e, o ministro, Dr. Daniel de Carvalho, promoveu, de imediato, a fundação do Clube Agrícola General Rondon, anexo à Escola, para o qual Rondon providenciava folhetos e material, a fim de que os alunos aprendessem o amor à terra e seu cultivo. O primeiro presidente do referido Clube, foi o Tte. Euclides Correa da Silva, marido da D. Anita.

A Escola Rural Santa Claudina não pode permanecer com esse nome, porque, para matrícula, compareceram 150 alunos, necessitando de três professoras e uma Diretora; foi, então, que a Escola Rural tornou-se Escolas Reunidas.

Teve a Escola, como primeira Diretora, a Prof.^a Ana Catharina de Figueiredo e Silva (D. Anita), esposa do Tte. Euclides. Muitas abnegadas professoras lecionaram em Mimoso; de memória, lembro-me das seguintes: Maria Dias de Moura, Benedita Calazans, Ursulina das Neves e Ana Jorgina da Costa Moraes.

Na administração do engenheiro Frederico Carlos Soares de Campos, então Governador de Mato Grosso, foi inaugurado o posto telefônico de Mimoso e, como primeiros interlocutores, o citado Governador com o Presidente da República, João Batista de Oliveira Figueiredo.

Na década de 40, precisamente de 1946 a 1948, como estudante do Curso Ginásial no Colégio Estadual de Mato Grosso – atualmente Escola Estadual do 1º e 2º Graus “Liceu Cuiabano, Dona Maria de Arruda Müller” –, cantávamos o dobrado “Mato Grosso”, ao som do piano executado pela professora Zulmira; o citado dobrado fala sobre Rondon, como filho ilustre, conforme revela a letra seguinte:

MATO GROSSO - DOBRADO

Letra: Manoel Ramos Lino

Música: Zulmira Canavarros

I

Mato Grosso, oh! Lendário torrão
Celeiro do Brasil por Deus guardado
Onde a história é linda e gloriosa
Berço e sepulcro do bravo Antonio João

II

O teu nome contém paz e fé
E no teu solo fecundo pão viceja
Os teus painéis despertam sensações mil
Gema engastada no anel do meu Brasil

III

Bandeirante das selvas – Rondon!
Força viva da raça feliz
O teu nome enaltece este solo
Grande solo que eleva o País

IV

Teu futuro o cruzeiro ilumina
Abençoando o teu povo viril
Se teus filhos te cobrem de glórias
Nobre é orgulho que dá ao Brasil.

FAMILIARES:

Seus pais: Cândido Mariano da Silva e Claudina Lucas Evangelista.

Descendência: três tribos indígenas, a saber:

- pelo lado paterno: “Guaná”.
- pelo lado materno: “Terena” e “Bororo”.

ESPOSA:

Francisca Xavier da Silva Rondon

01-02-1892 – casamento realizado no Rio de Janeiro;

08-01-1903 – renovação do casamento, segundo ritual positivista, com apresentação dos seus três filhinhos: Heloísa Aracy, Bernardo Tito Benjamin e Clotilde Teresa; posteriormente, nasceram: Marina Sylvia, Beatriz Emília, Maria de Molina e Branca Luiza.

Cândido Mariano colocava, no mais elevado pedestal, sua esposa, a quem chamava, carinhosamente, “minha Chiquita”, qualificando-a como “encarnação do mais alto ideal de Mulher.”

Sem ela, seu trabalho não teria sucesso... Logo no início de suas vidas a dois, estabeleceram o lema: “Servir a Humanidade, servindo à Pátria e à Família.”

Certa vez, alguém da sua amizade, ousou criticar o então, Capitão Rondon, pelas suas longas ausências. Ela se ergueu em sua defesa, faces inflamadas, argumentando que tinha verdadeira admiração pelo seu Marido, a ponto de sentir-se orgulhosa por ele, “pelo devotamento a que se consagrava ao ideal de bem servir a Humanidade, servindo à Pátria e a Família.”

O lado materno da sua esposa era admirável! Estava sempre disposta a sofrer, para que não sofressem seus filhos. A propósito, Cândido Mariano queria que seu filho Benjamin cursasse uma escola livre; todos opinaram que fosse a Paris, menos ela, a Chiquita, que preferia o Rio de Janeiro; entretanto, como era gosto do marido, acabou concordando com ele, e resolveu partir com todos, para não deixar o seu querido filho Ben, exposto aos perigos do meio.

Pelo que li e escutei de antigos moradores de Mimoso, Cândido Mariano da Silva Rondon foi um misto de autoridade e ternura; entendia que o progresso nasce da ordem e, com seu sangue de índio, capacidade de resistência, inteligência e energia suficiente para realizar, foi o mato-grossense que ajudou a redesenhar os limites do Brasil.

Tive oportunidade de vê-lo de perto, quando se hospedava na casa do Sr. Odorico Tocantins, pai do professor Aecim Tocantins; na rua 13 de Junho, na altura da igreja presbiteriana, Odorico e Rondon sentavam-se à porta, à tarde, como era hábito de lazer dos cuiabanos.

Perguntei, certa vez, ao Dr. Sylvio Curvo, respeitado médico de Cuiabá e ex-Senador por Mato Grosso, pela legenda UDN-União Democrática Nacional:

— Este país ainda tem jeito para se consertar?

— Tem, sim, bastam 4 homens da fibra e do ideal de Rondon, nos quatro cantos do Brasil: Norte, Sul, Leste e Oeste.

E prosseguiu: essa violência sem freios e o desrespeito que se vê até com as autoridades constituídas, não teria vez na sua administração e se o subordinado – devidamente sabedor do seu método de trabalho – tentasse transgredir suas ordens, não ficaria na impunidade... Receberia o devido corretivo, que poderia parecer estranho para os tempos atuais, mas que funcionaria. Alguém tem que ser sacrificado, para servir de exemplo aos demais...

No fim da minha pesquisa, descobri que, por descendência, somos parentes do Rondon, pelo lado paterno. Na sua história de vida contada pelo próprio (5), ele cita como bisavós, pelo lado materno, José Lucas Evangelista, bandeirante, e Joaquina Gomes, de Jacobina, localidade do município de

Cáceres. Essa senhora, Joaquina Gomes, tinha um filho com o nome de João Gomes, pai de: Rita Gomes de Moura – Mãe de Antônia e Carlinda Dias de Moura; Antônio Fernandes de Queiroz – meu bisavô paterno.

NOTAS

1. Antônio João Ribeiro era oficial do Exército, Comandante da Colônia Militar de Dourados, na Guerra do Paraguai. Intimidado, com seus 15 homens, a se render, preferiu morrer combatendo – aliás escrevera ele ao seu chefe, Tte. Cel. Dias da Silva: “Sei que morro, mas o meu sangue, e o de meus companheiros, servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria”.
2. Augusto João Manuel Leverger foi vice-almirante da Armada Nacional imperial, embora francês de nascimento, brasileiro pelo coração, defendeu Mato Grosso durante a guerra do Paraguai no município de Melgaço (a que pertencia Santo Antônio), baluarte avançado onde o Governo pretendia fazer a cobertura da cidade de Cuiabá, barrando a invasão paraguaia. Por esse e outros serviços, foi, mais tarde, agraciado pelo Imperador com o título, com grandeza, de Barão de Melgaço.

Foi também grande sua obra de paz. Com tenacidade, dedicou-se a trabalhos de hidráulica, levantando rios e baías, localizando pantanais, traçando itinerários sobre as regiões pouco conhecidas, sempre determinando coordenadas geográficas, estudando documentos antigos - a ponto de se tornar o melhor geógrafo da região. São numerosíssimos seus trabalhos, inclusive uma carta de Mato Grosso, de 1862, de cujo original se serviu o Tte. Cel. Francisco Antônio Pimenta Bueno para a sua carta.

A Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário da “Comissão Rondon”, contou com cinco historiadores, a saber: João Carlos Vicente Ferreira, Anna Maria Ribeiro F. Moreira da Costa, Aníbal Alencastro, Paulo Pitaluga Costa e Silva e Ilto Severino da Silva, designados pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

3. Centenário da Comissão Rondon (1907-2007) Texto de Anna Maria Ribeiro F. Moreira da Costa/IHGMT.
4. Revista RDM, de 11-03-2007, sob n.º 163, ano VIII, matéria intitulada “Senhora Expedição”, de Raquel Teixeira, páginas 38 e 39.
5. Livro “RONDON conta sua vida”, por Esther de Viveiros – 1958 / Livraria São José, Rio de Janeiro.

PARTE 2

RONDON
REPRESENTAÇÃO
E IMAGENS





RONDON:

A IMAGEM COMO ALIADA (1890 A 1940)

João Antonio Botelho Lucídio¹

Luiz Gustavo de Souza Lima Júnior²

O ano de 2007 foi dedicado às comemorações do centenário de fundação da Comissão Rondon. Foi a partir daquele momento que a ação desenvolvida por Rondon e seus comandados passou a ter maior visibilidade no cenário nacional. Assim, não poucos estudiosos confundem a Comissão Rondon com trabalho de uma vida inteira. Tal constatação em nada empana o brilho e a importância da Comissão Rondon, mas reconhece a ação de Rondon como de maior abrangência no tempo e no espaço brasileiro.

Criada por ordem do presidente da República Afonso Pena, a Comissão Rondon teria como função principal a “execução de medidas que consolidassem a incorporação ao Brasil dos territórios do Acre, do Purus e do Juruá” (VIVEIROS, 1958). A Comissão foi montada com grandioso contingente e sólida convicção da necessidade de se aproveitar a oportunidade e promover estudos científicos abalizados sobre os sertões que ia percorrer. Extinta em 1930, a Comissão Rondon realizou gigantesca obra: Construção das Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Amazonas; Expedição Roosevelt-Rondon; Reconhecimento dos rios e sertões de Mato Grosso; Inspeção de Fronteiras – Campanhas I, II e III; além da elaboração da Carta de Mato Grosso.

O artigo que ora publicamos é uma breve reflexão sobre as imagens que foram captadas por fotógrafos contratados por Cândido Mariano da Silva Rondon para registrar suas ações pelos sertões de Mato Grosso e faz

1 Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Professor do Departamento de História da UFMT. Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Doutorando em História pela Universidade Nova de Lisboa.

2 Graduado em História pela UFMT e mestrando em História pela mesma universidade.

parte do *Catálogo Digital Acervo Comissão Rondon – Serviço de Proteção do Índio (1890 a 1940)*, por nós elaborado. A idéia do *Catálogo* foi a de sistematizar um variado conjunto de fotografias que se encontravam dispersas por diferentes instituições, ou mesmo editadas em vários livros. Do conjunto, sobressaem em volume e qualidade as imagens do período de vigência da Comissão Rondon.

Cândido Mariano da Silva Rondon nasceu em Mimoso, Mato Grosso, em 5 de maio de 1865, e morreu a 19 de janeiro de 1958. Sua vida como funcionário público a serviço da União iniciou-se logo após a Proclamação da República. Entre 1890 e 1930, ao longo de quarenta anos, teve sua existência ligada, de modo indelével, ao projeto de construção de linhas telegráficas, de defesa dos povos indígenas e de reconhecimento das fronteiras terrestres do Brasil. Oficial reformado nos anos trinta dedicou-se por mais de vinte anos ao Serviço de Proteção ao Índio e à elaboração da Carta de Mato Grosso.

O culto à memória e às imagens parece ter sempre fascinado Rondon, assim, desde que aceitou trabalhar como ajudante do major Ernesto Gomes Carneiro, em 1890, envidou esforços no sentido de deixar e organizar documentos escritos e iconográficos como mapas, registros fotográficos e filmicos dos trabalhos que realizou. Além disso, publicou cerca de 103 títulos referentes aos trabalhos desenvolvidos entre as décadas de 1900 a 1940. Dono de uma perspicácia ímpar, sempre conseguiu ser notícia, principalmente durante a fase de existência da Comissão Rondon. Desde muito cedo compreendeu o sentido e a importância da imagem para divulgar suas ações.

A documentação referente aos trabalhos dos quais Rondon participou, ou esteve à frente, foi melhor sistematizada a partir de 1907, quando se criou a Comissão Rondon. Durante anos, a considerável massa documental gerada foi cuidadosamente organizada e mantida por ele próprio e, depois de sua morte, por seus comandados. Hoje, a maior parte dos documentos encontra-se sob a guarda do Museu do Índio, mas existem em outros arquivos do Rio de Janeiro várias coleções particulares onde é comum encontrarmos informações sobre os trabalhos de Rondon e da Comissão.

Apesar de fragmentada, parte significativa da documentação sobreviveu e compõe hoje um rico acervo documental, onde se destaca cerca de 1.800 registros fotográficos, produzidos a partir de 1890, incluindo negativos, fotos avulsas e álbuns; 9 filmes documentários, realizados entre 1912 e 1938; diários de campanha; relatórios internos (não publicados); correspondência oficial e particular de Rondon e da Comissão; documentos de contratação de pessoal; inquéritos administrativos; ordens do dia; boletins de serviço;

recortes de jornais; memórias; conferências; discursos; além de mais cem títulos publicados pela Comissão sobre diversos assuntos: serviço sanitário, expedições de reconhecimento, botânica, astronomia, etnografia, zoologia etc. (MACIEL, 1998).

O acervo fotográfico mais significativo em volume encontra-se no Setor de Antropologia Visual no Museu do Índio / FUNAI no Rio de Janeiro. Os filmes originais e fragmentos que sobreviveram, após sua restauração e telecinagem, foram depositados na Cinemateca Brasileira / São Paulo, tendo muitos deles se perdido num incêndio em 1982. Existem cópias no Museu do Índio que podem ser consultadas; totalizando, aproximadamente, 8 horas de gravação de vídeo.

Das fotografias que Rondon mandou registrar, um grande número muitas foram reproduzidas em álbuns comemorativos, ou editadas na forma de relatórios e livros. Foi comum que membros das Comissões fizessem cópias das mesmas e as guardassem, constituindo acervos próprios. No Rio de Janeiro, as seguintes instituições detêm sob sua guarda fragmentos importantes dessa vasta documentação: Museu Histórico Nacional; Arquivo Histórico do Exército Diretoria de Assuntos Culturais do Departamento de Ensino e Pesquisa; Museu Histórico do Exército e Forte de Copacabana Diretoria de Assuntos Culturais; Mapoteca do Ministério das Relações Exteriores; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; Igreja Positivista do Brasil; Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, entre outras.

A pesquisa e levantamento de fotos e documentos referentes a Mato Grosso no período compreendido entre 1890 a 1940, em especial sobre as populações indígenas, deixadas tanto pela Comissão Rondon, como pelo Serviço de Proteção ao Índio nos possibilitou a digitalização de cerca de 1400 (mil e quatrocentas) imagens produzidas pelos fotógrafos a serviço daquelas duas instituições. O acervo fotográfico constituído por Rondon e organizado pelo Escritório Central da Comissão teve as fotos agrupadas ou publicadas seguindo a ordem cronológica de realização dos trabalhos que ele comandou.

Seguindo o mesmo arranjo estabelecido pelo Museu do Índio no Rio de Janeiro, as imagens reproduzidas no *Catálogo Digital* (em suporte scanner ou fotografia digital) mantiveram a integridade da fonte. Isso significa que uma mesma imagem pode aparecer em dois ou mais arquivos, porque ela faz parte de acervos diferentes que, muitas vezes, pertencem a instituições diferentes. As pastas que contêm as fotografias foram nomeadas tendo como referência o acervo ou a fonte de origem. Elas foram organizadas seguindo critérios cronológicos dos acontecimentos e procuramos mantê-las como integrantes das diferentes comissões de trabalho e não por fotógrafo (LASMAR, 2002).

As fotografias foram agrupadas tendo por base suas diferentes atividades: Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia - 1889-1898; Comissão Construtora de Linhas Telegráficas do Mato Grosso (1900 a 1906); Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas 1907-1915 que registrou os seguintes episódios e trabalhos: Reconhecimentos para Carta de Mato Grosso de 1915 a 1930; Expedição Científica Roosevelt-Rondon 1913-1914³; e da coleção intitulada Índios do Brasil.

Na Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Cuiabá ao Araguaia (1890 – 1898), Rondon desempenhou dois trabalhos diferenciados: o primeiro foi participar da construção de um ramal de linha telegráfica de 583 quilômetros (1890/91) e o segundo a consolidação do distrito telegráfico de Mato Grosso (1892/98)⁴. Do que relata em suas memórias, foi esse seu período de aprendizado, tanto para viver no sertão, como para tratar da causa indígena (VIVEIROS, 1958).

Empenhados em dar continuidade ao projeto de integração nacional, os homens que proclamaram a República deram continuidade ao projeto de ligar telegraficamente Mato Grosso à Corte. A tarefa foi designada ao Major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, que requisitou para sua equipe o engenheiro militar mato-grossense Cândido Mariano da Silva Rondon. Dessa empreitada resultou o álbum *Lembranças da Comissão Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia – 1890*, que foi dedicado à noiva.

Este álbum é composto de mais de 60 fotografias e está sob a guarda do Museu do Índio – na cidade do Rio de Janeiro. Nele Rondon reúne imagens que documentam a construção da linha telegráfica, seus acampamentos, os oficiais e trabalhadores, as estações e equipamentos utilizados, todas com legendas explicativas. Nesse álbum, as imagens das pessoas civis aparecem com maior frequência.

A **Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso** (1900 a 1906) foi criada por aviso do Ministério da Guerra em 27/06 /1900. Em sua composição de trabalhadores constavam: 11 engenheiros militares, seis funcionários civis, um fotógrafo, de nome Hugo Figueiró, e 100 praças. Ao longo de seis anos, entre 1º de outubro de 1900 e 1º de agosto de 1906, foram construídos 1.667 quilômetros de linhas telegráficas, e erguidas 16

3 As expedições referentes à Campanha do Paraná 1924-1925; Inspetoria Especial de Fronteiras 1927-1939 não foram incluídas por não tratarem diretamente de Mato Grosso. No caso da Inspetoria de Fronteiras podem aparecer algumas das fotografias publicadas no livro “Índios dos Brasil” (1946 e 1953).

4 Não temos informações sobre fotografias registradas na época em que Rondon morou em Cuiabá e foi chefe daquela secção telegráfica (1892 a 1898). Na ocasião desempenhou os trabalhos de reconstrução da linha e abertura de uma estrada de rodagem, além de ajudar na pacificação dos Bororo do leste mato-grossense. As fotografias que ficaram remontam a 1890: a fase de construção dos trabalhos telegráficos que tiveram a chefia de Gomes Carneiro.

casas para abrigar as Estações. A grandiosidade do trabalho está no fato de quase todo ele ter sido feito em uma área do Pantanal, de difícil acesso. Além disso, de 1905 a 1906 construiu-se o ramal de Cuiabá a São Luiz de Cáceres, numa extensão de 200 quilômetros.

Os resultados dos trabalhos realizados pela Comissão Construtora de Linhas Telegráficas de Mato Grosso (1900 a 1906), fotos, mapas e plantas topográficas das regiões percorridas nas fronteiras do Brasil com as repúblicas do Paraguai e da Bolívia, foram entregues às autoridades do Ministério da Guerra, em 1907. Entretanto, somente em 1949 a Imprensa Nacional publicou o *Relatório dos Trabalhos Realizados de 1900-1906*, apresentado pelo Major de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon.

As 48 fotografias ali publicadas retratam, basicamente, quatro momentos: o início dos trabalhos, que contou com a participação de parte dos Bororo do Rio São Lourenço (1901/02); a abertura do ramal Aquidauana a Bela Vista (1903 a 1906); o reconhecimento da fronteira com o Paraguai, Campos da Vacaria e vale do alto Aquidauana (1905); e o ramal São Luiz de Cáceres a Mato Grosso (Vila Bela-1907)⁵.

O fato de o Relatório ter sido publicado apenas em 1949 permitiu que nele fossem incluídas fotografias de diferentes temporalidades e trabalhos. Foi possível identificar os seguintes fotógrafos: Alberto Brand (ou Braud); Luiz Leduc e Benjamin Rondon. Um dado que merece comentários é o fato de terem sido incluídas duas das três fotografias de Bororo que ali parecem ser creditadas a Alberto Brand, num período em que ele não fazia parte da Comissão. Outro dado é que nenhuma fotografia foi atribuída a Hugo Figueiró que, em 1900, constava como fotógrafo integrante da mesma Comissão.

COMISSÃO DE LINHAS TELEGRÁFICAS ESTRATÉGICAS DO MATO GROSSO AO AMAZONAS (1907 A 1915)

O maior conjunto das fotografias que registram parte dos trabalhos deste gigantesco empreendimento foram organizadas e publicadas, primeiramente, em três Relatórios apresentados à Directoria dos Telegraphos e à Divisão de Engenharia do Departamento da Guerra. Os dois primeiros volumes tratam do período de 1907 a 1910. Já o segundo enfoca os trabalhos ocorridos entre os anos de 1911 e 1912⁶. Isso não impediu que nos demais anos os trabalhos fossem registrados por diversos outros fotógrafos.

5 O Ramal Cáceres a Mato Grosso (Vila Bela), faz parte dos trabalhos da Comissão Construtora de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (1907 a 1915), entretanto, algumas fotos foram publicadas no Relatório de 1949.

6 Vale ressaltar que várias das conferências que Rondon proferiu foram publicadas e ilustradas com fotos, entre elas destacam-se: "Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo, Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1922. Comissão Rondon - Publicação n° 68; Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915, Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1916".

Para entendermos o modo como as fotografias foram organizadas e apresentadas nos Relatórios (1907 a 1910), faz-se necessário compreender de que modo os trabalhos realizados pelos membros da Comissão Rondon foram sistematizados. A Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas do Mato Grosso ao Amazonas (1907 a 1915) foi dividida em três Seções: uma deveria cuidar da construção do ramal de São Luiz de Cáceres a Mato Grosso (Vila Bela) e foi comandado pelo Major Felix Fleury de S. Amorim; a segunda seção cuidaria dos trabalhos de execução da linha tronco Cuiabá – Santo Antonio do Madeira, por sua vez foi subdividida em seção Norte e Sul; o próprio Major Rondon cuidou daquela tarefa que era considerada a parte mais arriscada, ou seja, o reconhecimento do sertão através do qual se determinou o traçado da linha tronco.

O fotógrafo que tem o maior número de fotos creditadas nesse período é Luiz Leduc. Ele acompanhou Rondon no reconhecimento do ramal de Cáceres a Mato Grosso (Vila Bela) e na exploração dos Rios Guaporé, Jauru, Sepotuba e Paraguai, em 1907. Integrou as expedições ao Juruena, também em 1907, e, depois em 1908; de 1909 as fotos são referentes aos trabalhos de reconhecimento até a foz do rio Jamari. Leduc é ainda o autor de várias fotografias dos serviços, dos acampamentos e das Estações Telegráficas da Seção Sul da Linha Tronco.

No *Catálogo Digital* as fotos publicadas em: RONDON, Candido Mariano da Silva. *Relatório apresentado à Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento de Guerra*. 1º volume; e RONDON, Candido Mariano da Silva. *Relatório apresentado à Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento de Guerra*. 2º volume; foram creditadas os seguintes fotógrafos: o civil Luiz Leduc, o zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro e o Tenente astrônomo João S. de Lyra.

Reproduzimos também um conjunto de fotos publicadas no Album Gráfico do Estado de Matto Grosso (1914), editado em Hamburgo, Alemanha, que são da autoria de Luiz Leduc. Tiradas Registradas entre os anos de 1907 e 1908, o conjunto retrata três momentos distintos dos trabalhos da Comissão da Rondon: a construção do ramal de São Luiz de Cáceres a Mato Grosso (Vila Bela da Santíssima Trindade); as Expedições de reconhecimento para o Norte (Expedição ao Juruena – 1907 e 1908), as Estações Telegráficas e os acampamentos da construção da Linha Tronco na sua Seção Sul.

As fotografias referentes aos trabalhos de construção da linha telegráfica, em sua Seção Norte e datadas de cerca de 1911, são de autoria de Joaquim de Moura Quineau e elas retratam o trecho de Porto Velho ao Rio Jamari. O Museu do Índio possui a totalidade de suas fotos conhecidas, 24

negativos, cujas cópias fazem parte do Álbum organizado em 1922 para comemorar os cem anos da Independência do Brasil. Ali reproduzimos 15 das fotografias de Quineau, que foram copiadas do referido Álbum por Eurípides V. Andreatto (Nenê) e que se encontra sob a guarda do Museu da Imagem e do Som de Cuiabá.

Esta Instituição possui em seu acervo 118 fotografias da Comissão Rondon. Tal acervo foi constituído em 1982, a partir de cópias que o fotógrafo Eurípides V. Andreatto (Nenê) fez para a montagem de uma exposição realizada pela Casa de Cultura de Cuiabá, intitulada *Rondon, o Último dos Bandeirantes*. A pesquisa nos leva a afirmar que, de alguma forma, Nenê Andreatto teve acesso às fotografias do álbum: *Comissão Rondon. Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas. Photographias da construção, expedições e explorações desde 1900 a 1922 [encaminhado] ao Excmo. Sr. General de Divisão Fernando Setembrino de Carvalho, D. Ministro d' Estado dos Negócios da Guerra, 2 v., 1922*, e o reproduziu em parte.

O ano de 1913 foi marcado pela visita científica que o ex-presidente dos Estados Unidos da América fez ao Brasil. Apesar de muito atarefado, Rondon foi designado para acompanhá-lo. Formado o grupo, o mesmo recebeu a denominação de Expedição Científica Roosevelt – Rondon. Em terras de Mato Grosso, a Expedição inicia pelo rio Apa, divisa do Brasil com o Paraguai, entra e sobe os rios Paraguai e Jauru, transpõe o divisor de águas das bacias Platina para a Amazônica, até alcançar a Estação Telegráfica Utiariti.

A Expedição se dividiu então em três grupos: o primeiro grupo desceu os rios Papagaio / Juruena / Tapajós / Amazonas; o segundo, onde estão Roosevelt e Rondon, vai até a Estação Telegráfica José Bonifácio e dali alcançou o rio da Dúvida, descendo por ele até sua foz no Madeira; o terceiro grupo alcançou as cabeceiras do rio Ji-Paraná, desceu por ele até o rio Madeira e daí ao Amazonas. As fotos que reproduzimos são aquelas publicadas no livro de Theodore Roosevelt, *Nas Selvas do Brasil*. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1948, e todas as fotografias ali publicadas foram atribuídas a Kermit Roosevelt⁷.

A linha telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas, que ligava Cuiabá a Porto Velho – no rio Madeira, foi inaugurada no dia 1º de janeiro de 1915. Se incluímos a construção dos ramais de Cáceres à cidade de Mato Grosso, o ramal a Barra do Bugres e o ramal de Santo Antonio à a Guajará-Mirim,

7 Rondon indicou Luiz Thomas Reis como o fotógrafo e cinegrafista que deveria acompanhar aquela Expedição, entretanto o mesmo alegando falta de condições de trabalho pediu exoneração do cargo ainda em janeiro de 1914. Coube ao Tenente Lyra, que já tinha experiência como fotógrafo, substituí-lo.

chegamos ao seguinte balanço dos trabalhos realizados pela Comissão Rondon: 2.270 quilômetros de linhas telegráficas construídas, ao longo das quais se ergueram 32 estações. A exploração e o levantamento de dezenas de rios, colocou os membros da Comissão em contato com mais de uma dezena de povos indígenas, alguns deles ainda desconhecidos.

Nos anos subsequentes, os trabalhos da Comissão Rondon continuaram, seja na manutenção das linhas telegráficas, seja em expedições e levantamentos geográficos para a elaboração da Carta de Mato Grosso. Dos muitos trabalhos, destacamos alguns cujos relatórios foram publicados: *Exploração ao Rio Paranatinga e São Manoel e Telles Pires* (1915/16); *Levantamento dos Rios Anari e Machadinho* (1917); *Exploração do Rio Cautário, Guaporé e Mamoré* (1916/17); *Exploração do Rio Ananás* (1915); *Exploração ao Culuene* (1920); *Expedição ao Rio Maici e Guaporé-Vilhena* (1921); e *Expedição ao Ronuro* (1924). Muitas das fotografias dessas Expedições foram publicadas no volume II do *Álbum Índios do Brasil*.

Outro conjunto de fotografias, também reproduzido, data dos anos 1916/17 e as mesmas foram extraídas dos negativos do filme *Rituais e Festas Bororo* de Luiz Thomas Reis. São cópias de 64 imagens que foram reproduzidas a partir de cópias em papel da coleção sob a guarda do Museu do Exército – Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro⁸. Os originais, em negativo de vidro, estão sob a guarda do Museu do Índio, também no Rio de Janeiro.

O maior volume das fotografias que consta do *Catálogo Digital* faz parte daquelas publicadas nos três volumes do livro *Índios do Brasil*, editados nos anos de 1946 e 1953. Considerando que o nosso interesse neste trabalho são exclusivamente as fotografias. Considerando nosso interesse neste trabalho pelas fotografias que se referem ao espaço geopolítico chamado de Mato Grosso, não foram reproduzidas quaisquer das fotografias do terceiro volume, por tratar ele dos índios dos estados do Pará, Amapá, Amazonas e Roraima. Nesta pesquisa, os estados de Rondônia e Mato Grosso do Sul foram considerados como integrantes do território do então estado de Mato Grosso.

Portanto, reproduzimos as fotografias constantes dos volumes I e II. Obra fruto da maturidade de Rondon *Índios do Brasil* é, segundo ele próprio, “a mais expressiva documentação selecionada do numeroso arquivo que vimos religiosamente amalhando, através de mais de meio século de intenso trabalho”. A preocupação de Rondon estava em apresentar os

8 O Museu do Exército – Forte de Copacabana guarda ainda os álbuns referentes à Campanha do Paraná (1924) e três álbuns referentes aos trabalhos do Serviço de Inspeção de Fronteiras (1927, 1928 e 1929/30). Apenas a terceira das Expedições inclui fotografias de Mato Grosso.

povos indígenas, entretanto, foi capaz de manter a autoria das fotos apesar do recorte temporal adotado: 1890 a 1938 (LASMAR, 2002).

O primeiro volume⁹ apresenta os índios do Centro, Nordeste e Sul de Mato Grosso. O capítulo inicial é dedicado aos Nhambiquara e ali aparecem diferentes fotógrafos, em trabalhos e temporalidades também distintos, sendo muitas delas fotogramas do filme *Sertões do Mato Grosso* do Major Thomaz Reis. No capítulo dedicado ao povo Pareci encontramos fotógrafos como Major Thomaz Reis, José Louro e Roquette Pinto. O maior volume de fotografias, 167, é dedicado às Tribos do Rio Gi-Paraná e por ali fotografaram: Major Thomaz Reis, José Louro, Tenente Carneiro e Capitão Amarante, Benjamin Rondon, Afonso Henrique de Magalhães, Oscar Pires, Tiúba, Guineaud ou Quineau, Expedição Científica Filadélfia e o engenheiro Vitor Dequech. Existem ainda dois pequenos capítulos dedicados, um, aos Umutina, cujo fotógrafo é José Louro; e, outro, relativo aos Bororo, com fotografias de Benjamin Rondon e Thomaz Reis. O livro finaliza com os índios Terena e Kadiwéu do Sul de Mato Grosso, e fotos de Benjamin Rondon e José Louro.

Índios do Brasil das Cabeceiras do Rio Xingu, Rios Araguaia e Oiapoque, corresponde ao segundo volume da trilogia e foi publicado em 1953¹⁰. As fotografias ali impressas, em sua maioria, foram feitas durante os trabalhos de reconhecimento para a confecção da Carta de Mato Grosso, como parte dos serviços de Inspeção de Fronteiras ou mesmo pelos funcionários do Serviço de Proteção Índio, seja em trabalhos rotineiros de visita a Postos Indígenas já consolidados, seja na atração de povos arredios, como é o caso do conjunto de fotos dos Xavante e dos Cajabi. Para além da série de fotos sobre os Bacairi do Posto Simões Lopes, onde não foi possível constatar a autoria, as demais tiveram essa identificação.

As fotos referentes ao capítulo sobre os *Índios da Região dos Rios Araguaia-Tocantins* são reproduções do filme *Ao Redor do Brasil* e, segundo consta, foram tomadas entre outubro e novembro de 1929. Naquele período, Rondon, acompanhado do cinegrafista Thomaz Reis e de seu filho, fotógrafo, Benjamin Rondon, saíram do Rio de Janeiro, foram a Cuiabá e dali ao Araguaia, por onde desceram até a ilha do Bananal (encontrando os Carajá) e dali para o Tocantins, até a cidade de Belém. Aparece ainda um conjunto menor de fotografias atribuídas a Amaury Bento Correa, datadas de 1945.

9 Rondon, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil: do Centro ao Noroeste e Sul de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção ao Índio, 1946, volume I.

10 RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil das Cabeceiras do Rio Xingu, Rios Araguaia e Oiapoque*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção ao Índio, 1953, volume II.

As fotos do capítulo intitulado *Índios do Vale do Xingu* também foram conseguidas a partir de fotogramas. Trata-se de imagens colhidas em 1924, ocasião em que o Capitão Vicente de Paula Teixeira Vasconcelos, em companhia do cinegrafista Thomaz Reis, empreenderam uma viagem de reconhecimento do rio Ronuro, um dos formadores do rio Xingu. Chamada Expedição ao Ronuro, fazia parte do projeto de elaboração da Carta de Mato Grosso.

Coube ainda ao Capitão Luiz Thomaz Reis tomar os dados antropométricos dos índios que contatava, conforme consta do relatório anexo e das fotografias, publicados sob o título: *Expedição ao Ronuro*, pelo Capitão Vicente de Paula Teixeira Vasconcelos, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945. Publicação nº 90 da Comissão Rondon. Ali consta um conjunto de fotos dos registros antropométricos, que também reproduzimos.

Como já foi dito, o conjunto de fotografias reproduzido no *Catálogo Digital Acervo Comissão Rondon – Serviço de Proteção do Índio (1890 a 1940)*, por nós elaborado, deu-se a partir de trabalhos publicados por iniciativa seja do próprio Rondon, seja do Serviço de Proteção ao Índio, através do Ministério da Agricultura. Ao todo são cerca de 1.400 fotografias que compreende o período de 1890 a 1940. Elas foram arranjadas em arquivos acondicionadas em uma ou mais pastas.

REFERÊNCIAS

- AYALA, S. Cardoso e SINOM, Feleciano. **Álbum Graphico do Estado de Matto Grosso**. Corumbá – Brasil / Hamburgo – Alemanha, 1914.
- BIGIO, Elias dos Santos. **Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889-1930)**. 1996. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília – UnB.
- LASMAR, Denise Portugal. **Estoques de informação: o acervo imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio como fonte de informação**. 2002. 208 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicação da UFRJ.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza. **Um grande cerco de paz: poder tutelar, indiana e formação do Estado do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MACHADO, Maria de Fátima Roberto. **Índios de Rondon: Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Uaimaré e Kaxinití, grupos Pareci**. Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1994 (Tese de Doutorado).
- MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon**. São Paulo: EDUC, 1998. 319p.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Índios do Brasil**: do Centro ao Noroeste e Sul de Mato Grosso. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Proteção ao Índio, 1946, v. I.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Índios do Brasil das Cabeceiras do Rio Xingu, Rios Araguaia e Oiapoque**. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção ao Índio, 1953, v. II.

RONDON, Cândido Mariano da Silva. **Relatório dos Trabalhos Realizados de 1900-1906**. Rio de Janeiro: Nacional, 1949.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Relatório apresentado à Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento de Guerra**. 1º v., Estudos e Reconhecimentos. Rio de Janeiro: Papelaria Luiz Macedo, 1910.

RONDON, Candido Mariano da Silva. **Relatório apresentado à Directoria Geral dos Telegraphos e à Divisão Geral de Engenharia (G.5) do Departamento de Guerra**. 2º v., Estudos e Reconhecimento. Rio de Janeiro: Papelaria Quitanda, 1919.

ROOSEVELT, Theodore. **Nas Selvas do Brasil**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1948.

VASCONCELOS, Capitão Vicente de Paula Teixeira. **Expedição ao Ronuro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. (Publicação nº 90 da Comissão Rondon).

VIVEIROS, Esther de. **Rondon Conta sua Vida**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.



A FOTOGRAFIA E O CINEMA NA COMISSÃO DAS LINHAS TELEGRÁFICAS

Joel Leão¹

As primeiras imagens fotográficas, produzidas pela Comissão Rondon e localizadas pela pesquisa, estão reunidas no álbum *Lembranças da Comissão Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia*, organizado em 1890. Nele já se pode perceber aquilo que viria a ser a tônica das imagens produzidas pela Comissão: a documentação das várias etapas dos trabalhos de construção e assentamento de linhas, com cenas de trabalho, dos acampamentos, tipos de material utilizado e também dos oficiais em trabalho e das inaugurações de Estações Telegráficas, como que a construir sua auto-imagem. Os temas, a distribuição, o encadernamento e o tamanho das fotos, uma a cada página, indicam mais um caráter de “prestação de contas” do que divulgação.

Vale lembrar o esforço dos fotógrafos em transportar através dos sertões brutos, pesados pacotes de chapas de vidro impressas como negativos de imagens, que escapavam e desfaziam-se em cacos, nos rudes transportes por terra ou na travessia de cachoeiras. Era quase por milagre que as chapas chegavam aos estúdios fotográficos nas cidades.

Entusiasta da técnica em todas as suas manifestações e aplicações, Rondon defendia para a “imagem mecânica” um estatuto de fidelidade e exatidão na reprodução da realidade, capaz de criar um registro objetivo e comprobatório das suas realizações. Os temas e os roteiros fotográficos eram conduzidos por Rondon.

1 Cineasta. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

No princípio do século XIX, quando a fotografia se popularizou em termos da técnica e da circulação da imagem, ela estava ainda limitada a questões técnicas (tecnológicas), como o longo tempo necessário para a composição da pose, a imobilização das pessoas durante longos minutos, o controle da quantidade de luz, o tamanho da câmera e a necessidade do apoio de um tripé, o que dificultava a rápida locomoção do fotógrafo, particularmente na selva.

O profissional da fotografia tinha, em conjunto com outras profissões, remuneração equiparada aos oficiais, e engenheiros. A sua função ia além de sua competência para organizar as poses, a escolha e a composição do cenário, postura dos fotografados. A ele competia traduzir o sentimento dos trabalhos da Comissão e o pensamento de seu comandante, compondo uma crônica da viagem, narrada através da fotografia.

De qualquer modo, é possível indicar considerações sobre os fotógrafos civis contratados pela Comissão Rondon, até 1910. Aparentemente, não tinham vínculos fixos com a Comissão, sendo contratados para cada expedição montada. Esses fotógrafos exerciam atividades profissionais nas cidades consideradas pontos de apoio para a construção das linhas ou pertenciam aos estúdios do Rio de Janeiro e São Paulo.

Um dos fotógrafos mais antigos e com referência foi **Alberto Brand**, integrante da expedição de 1900 a 1906, que construiu a linha telegráfica no Sul de Mato Grosso e as fronteiras da Bolívia e Paraguai, tendo sido, o único desse período. Em suas fotos transparece a preocupação com vistas gerais das barracas, cerimônias de hasteamento da Bandeira Nacional, festas em homenagem a Rondon nas cidades onde passaram as linhas, inaugurações e também cenas de trabalho. Além do registro temático, chama atenção a beleza e a composição da selva, assim como a presença do homem, a nitidez e definição precisa do jogo de luz e sombra.

Na expedição seguinte, a de 1907 a 1909, dois fotógrafos prestaram serviços à Comissão: **Luiz Leduc** e **Joaquim de Moura Quineau** (1908), existindo também muitas fotografias de autoria dos próprios comandantes das expedições de exploradores e seus auxiliares. A presença dos fotógrafos relaciona-se à extensa linha, Cuiabá a Santo Antonio do Madeira.

Luiz Leduc era considerado um fotógrafo acima da média e que talvez tenha sido o primeiro profissional, a serviço da Comissão, a captar “imagens em movimento”, no sertão de Juruena, entre setembro/outubro de 1907 (*O Homem não precisava posar para ser fotografado*). **Luiz Leduc** era proprietário de um estúdio fotográfico em Cuiabá, sendo autor de algumas imagens sobre a cidade que ilustraram publicações, guias e álbuns sobre o Estado como: *O Álbum Gráfico de Mato Grosso*, editado na Alemanha em 1914.

Joaquim de Moura Quineau, este talvez seja o fotógrafo que mais destoe da linguagem visual construída pela comissão, seja em termos de objetos fotografados ou na ambientação, enquadramentos etc. Suas fotos revelam a natureza em volta sempre presente, impenetrável, fazendo pensar sobre a relação desigual travada por aqueles homens x natureza, a fragilidade de sua passagem por aquela região. Imagens que a diversidade dos homens que compunham a expedição aparece com intensidade: Negros, índios, brancos, crianças, doentes, inclusive com braços amputados e outros com curativos no rosto, amontoados contra o pano de fundo da floresta, olhando sérios para a Câmera.

Em 1910, o 2º tenente **Luiz Thomas Reis** é admitido pela Comissão Rondon como auxiliar de desenhos, e foi encarregado dos trabalhos fotográficos, em virtude da dispensa do fotógrafo de temporada e por demonstrar alguma experiência fotográfica. Tornou-se chefe da seção de fotografia e cinema e realizou estudos técnicos, mecânicos e químicos desta especialidade. Em 1912, apresentou-se ao Cel. Rondon e se propôs a adquirir o material necessário à criação do serviço que se propunha executar. Com dez contos de reis, o máximo que o Cel. Rondon pudera separar da verba material, embarcou para a Europa, onde comprou em Londres e Paris o material indispensável, naquele tempo o mais perfeito. Durante sua permanência em Paris, aprendeu a operar a câmera nos estúdios Pathé de Cinema, voltou ao Brasil e seguiu par o sertão com sete mil metros de filme da marca, Lumière tropical.

Luiz Thomas Reis ficou conhecido como o Cinegrafista de Rondon.

Outros profissionais incorporados à Comissão Rondon foram: **Afonso Henrique de Magalhães**, autor das fotografias sobre a exploração do Rio Jamari, (1910-1911). **José Louro** (1916-22) fotógrafo e cinegrafista, documentou os contatos com grupos indígenas da região e serviços para o SPI.

Em 1913-16, **Alfredo Azevedo**, que esteve na comissão como auxiliar do cinegrafista Thomaz Reis nas últimas expedições sertanistas da Comissão, integrando posteriormente, em 1919, as viagens de exploração para complementar a Carta de Mato Grosso.

Muitas vezes, os próprios expedicionários foram também fotógrafos, não importando sua função militar, o farmacêutico, **Oscar Peres**, o **Tenente Pyrineus**, que fotografou Roosevelt e Rondon no marco do Rio da Dúvida. Entre os auxiliares de Rondon que sabiam o ofício de fotografar destaca-se o **Tenente Lyra**, que fotografou a expedição de 1913, Rondon-Roosevelt, e o seu próprio filho, **Benjamin Rondon**, que revelava um bom gosto e boa composição temática. Ambos, autores de muitas fotografias em expedição e que constaram como profissionais da arte.

Existem registros de pelo menos duas expedições em que os integrantes foram fotógrafos, todas posteriores ao surgimento das câmeras portáteis e dos filmes flexíveis.

O CINEMA DA COMISSÃO RONDON

Acompanhando de perto esse movimento em torno do cinema, a Comissão Rondon buscava incorporar o registro cinematográfico no início da construção da linha de Mato Grosso ao Amazonas, em 1907. Embora esses trabalhos tivessem sido contratados com pessoal civil competente, ligado a estúdios conhecidos no Rio de Janeiro, as filmagens não foram bem sucedidas diante das asperezas do sertão. Mesmo após esse fracasso, Rondon continuou tentando obter imagens cinematográficas dos trabalhos na linha telegráfica, problema só resolvido quando o oficial **Luiz Thomas Reis** ofereceu-se para adquirir os equipamentos. As únicas referências a montagens desse serviço pela Comissão são do então Tenente Thomaz Reis.

Uma das primeiras iniciativas na utilização do cinema no ensino e na pesquisa científica é creditada ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro, que inaugurou em 1910, a sua filмотeca, enriquecida, em 1912, com os primeiros filmes sobre os Nhambiquaras, que Roquete Pinto trouxe de Rondônia e as admiráveis películas com que a Comissão Rondon documentava suas explorações geográficas, botânicas, zoológicas e etnográficas.

Transformadas em filmes, documentários pioneiros produzidos pela Comissão Rondon, foram exibidas sistematicamente por todo o país, em circuito comercial, e durante as conferências e palestras proferidas por Rondon. O seu primeiro Filme documentário de longa metragem, *OS SERTÕES DE MATO GROSSO* e com sua repercussão junto ao público e à imprensa, foi montado o primeiro laboratório da Comissão, contando com equipamentos modernos e contratação de profissionais especializados na produção de filmes.

O segundo filme foi chamado de *De Santa Cruz*, um dos melhores até então executados pela comissão Rondon, com fotografia impecável, mais dinâmico com cenas de animais e os índios e, em especial, os saltos Utiarity e Bello.

O terceiro filme foi editado em 1917 com o título de *Rituais e Festas Bororos* a seguir o *Ronuro, Selva do Xingu*, editado em 1924; *Ao Redor do Brasil*, filmado entre 1924/30. **Viagem ao Roraima e Parrima**, *Fronteiras do Brasil*, os dois documentários produzidos em 1927, nas viagens de Inspeção de Fronteiras feitas pelo General Rondon.

Thomaz Reis, conta sobre suas angustiantes viagens na selva e sua observação precisa, de deixar “repousar os sentimentos”, sem pressa, para obter o melhor resultado.

O martírio do cinegrafista crescia com a monotonia e repetição das paisagens, com a ausência de aspectos interessantes a ser registrados, o que nos dá uma pista tanto do roteiro que ele gostaria de cumprir, quanto do que o cinema deveria registrar. Um pequenino povoado tornava-se a grande alegria do cinegrafista no sertão. A cada viagem, mais difícil tornava-se a coleta de novas imagens que prendesse a atenção do espectador.

O cinema a serviço da Comissão não criava “artifícios” ou ilusões, apenas registrava, com arte e nitidez, costumes indígenas até então ignorados nos “centros civilizados”; sua função talvez estivesse justamente aí: revelar aos civilizados aspectos desconhecidos do interior do País. Mostrar o Brasil aos Brasileiros.



Foto: Thomaz Reis.

Major Thomaz Reis, o Cinegrafista de Rondon.



Foto: Thomaz Reis.



Foto: Joaquim de Moura Quinteau.



Foto: Luiz Leduc.



Foto: Tenente Pynicus.



Foto: BRAND.



Foto: Benjamin Rondon.



Foto: Tenente Lira.

FONTE/PESQUISA

A Nação por um Fio de Laura Antunes Maciel. Filmografia do Cinema Brasileiro, Jean-Claude Bernadet. (1898-1930). Thomaz Reis o cinegrafista de Rondon, Embrafilme, Folheto. 1982. Cinema e fotografia de Eduardo Llorente. Fotos, Arquivo Leãofilm.



A AÇÃO POLÍTICA DE RONDON

Joel Leão¹

Os biógrafos de Rondon informam que, alegando questões de foro íntimo e em função de sua formação filosófica positivista, ele sempre recusou compromissos de natureza política. Em 1917, foi sondado pelo presidente da República, Venceslau Braz, para assumir, como interventor, o governo de Mato Grosso; depois, recebeu apoio de seus conterrâneos para concorrer às eleições para governador de seu Estado. Em 1921, foi convidado a atuar como perito para atestar a veracidade (ou não) das Cartas Falsas, que caluniavam o Marechal Hermes da Fonseca e tinha sua origem atribuída a Artur Bernardes, então candidato a presidente da República. Alegando seus princípios positivistas, Rondon sempre recusou essas funções.

A influência positivista entre os militares brasileiros se intensificou com o ingresso de Benjamin Constant como professor na Escola Militar, na década de 1870, período em que Rondon estudou lá, tendo sido aluno de Constant.

A formação de Rondon foi marcada não só pelo positivismo, mas pelos princípios de um “cientificismo ilustrado” que influenciou o comportamento político dos engenheiros, civis e militares, no Brasil.

A difusão positivista no Brasil, entretanto, acabaria por consagrar certos princípios que, a despeito de divergirem quanto à forma de regime político no seio do qual seria aplicado, o fariam aproximar-se do cientificismo ilustrado no tocante a, pelo menos, duas questões. A primeira era a necessidade de fortalecimento do poder executivo, tratando-se de buscar uma espécie de meio termo entre o federalismo exacerbado dos liberais históricos e de que governar era uma questão de competência e, neste caso, a representação não deveria ser política, porém técnica. Formalizada por tais correntes de idéias.

1 Cineasta. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

Outros Positivistas famosos: Roquete Pinto, Nísia Floresta Brasileira Augusta e Euclides da Cunha.

O POSITIVISMO

O Positivismo é a escola filosófica nascida das idéias do pensador francês AUGUSTO COMTE (1798-1857). Em meio a uma série de teorias, baseadas em sua “filosofia da História” e na sua “Classificação das ciências” Comte criou o que chamou de “Religião da Humanidade”, culto não teísta, no qual DEUS seria um substituído por uma humanidade racional e evoluída que atingiria esse estágio “mais elevado” conduzido por “homens mais esclarecidos”. Para COMTE, a melhor forma de governo era a “ditadura Republicana – um governo de Salvação nacional exercido no interesse do povo”. O ditador comtiano, em tese, deveria ser representativo, mas poderia “afastar-se” do povo em nome do “bem da república”.

Não é difícil entender por que os “militares científicos” se apaixonaram tanto pela tese. Ao assumir o poder, depois do golpe de 1889, Deodoro, que não era positivista, e Constant deram um tom comtiano ao novo regime, centralizador e autocrático.

Com a ascensão dos Oligarcas de São Paulo – Prudente de Moraes e Campos Sales-, a influência positivista se arrefeceu. Mas logo voltaria a fluir entre os tenentes dos anos 20, na coluna vertente, os esquemas políticos comtianos se codificaram também no trabalho de Lindolfo Collor, ministro do trabalho do positivista Getúlio Vargas. A modernização conservadora proposta por COMTE ainda fascina facções militares. E um de seus lemas “O AMOR POR PRINCÍPIO A ORDEM POR BASE E O PROGRESSO POR FIM” tremula na bandeira nacional, embora o “AMOR” tenha ficado de fora. Outro mote positivista eventualmente libera fantasmas no espectro político da nação. Segundo COMTE, **“Os vivos são sempre e cada vez mais, governados pelos mortos”**.

A Igreja Positivista do Brasil teve grande influência na formação da República. O casamento civil, o decreto dos feriados e a separação da Igreja e Estado são conquistas Positivistas.

IGREJA POSITIVISTA DO BRASIL

Conferências Públicas aos domingos às 10h.

Rua: Benjamin Constant. Nº 74- Glória. Rio de Janeiro RJ.

E mail: igrposit@arras.com.br – www.igrejapositivistabrasil.org.br

Pesquisa e fotos: Joel Leão

Fonte: Resumo Histórico do Movimento Positivista no Brasil 1881.



Fachada da Igreja Positivista do Brasil.



Tribuna Positivista.



Interna do Templo Positivista.

August



RONDON E O NOBEL DA PAZ EM 1925

Joel Leão¹

O Governo Brasileiro em 2002 se deparou com Uma preciosidade: carta do físico alemão Alberto Einstein recomendando ao Comitê do Premio Nobel da Paz, o nome do Marechal brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon.

O aludido cientista redigiu a carta ao Comitê do Nobel (Oslo Noruega), a bordo do Navio Capitania Polônio numa viagem de 51 dias pelo Brasil e região meridional da América do Sul no ano de 1925.

Dizia Einstein: “(...) *seus trabalhos se concentram na integração de tribos indígenas à civilização, sem emprego de armas nem de qualquer tipo de correção*”.

Ressalte-se que aquele físico nunca encontrou pessoalmente Rondon, conhecera sua obra e assistira ainda a um documentário sobre o trabalho deste explorador, geógrafo e pacificador – RONDON.

Foi encontrada a citada carta assim como um manuscrito científico por Einstein, na cidade de Jerusalém em 1994 pelo professor Alfredo Tiomno Tolmasquim (Museu de Astronomia e Ciências Afins do Rio de Janeiro), que nessa ocasião cursava o pós-doutoramento na Universidade dessa cidade, deparando-se com arquivo de Einstein e ali localizou o DOSSIÊ BRASIL, referente à passagem daquele físico pelo Brasil. O referido dossiê está guardado naquela Universidade Hebraica.

1 Cineasta. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

CARTA DE ALBERTO EINSTEIN

Ao presidente do Comitê Nobel norueguês.

Exmo Sr. Presidente,

Quero me permitir chamar sua atenção para a habilidade do General Rondon, no Rio de Janeiro, pois eu por ocasião de minha visita ao Brasil tive a impressão de que esse homem é merecedor em grande medida de ser laureado com o Nobel da Paz.

Seu trabalho se concentra na integração de tribos indígenas à civilização humana, sem o emprego de armas e o uso de qualquer ato e violência.

Minhas informações têm como base o que ouvi de professores da Escola Técnica no Rio de Janeiro que falaram com grande entusiasmo sobre o seu trabalho. Pude ver alguma coisa em filmes. O General Rondon eu não conheço pessoalmente.

É isso o que posso, com precisão, lhe dizer do que senti pessoalmente. Mas seria preferível que o Sr. Buscasse obter informações diretas, através da representação norueguesa.

Com distinta alta consideração.

Pro. Dr. Einstein – Haberlandstrasse 5, Berlin.

Pesquisa: Joel Leão.

Fonte: Geografia Monástica de Caio L. Botelho.

MEMORIAL RONDON:

UM MARCO GEOGRÁFICO, CULTURAL E DE POTENCIALIDADE TURÍSTICA

Suíse Monteiro Leon Bordest¹

CONTEXTO

Quem viaja pelo Pantanal de Barão de Melgaço em busca de valores culturais ou por outros motivos, como para pescar, descansar, estudar etc., acaba por fazer de Mimoso um destino obrigatório. Mimoso não é terra de uma só leitura. Numa verdadeira encruzilhada cultural, descortinam-se a religiosidade, a tradição, o peso da serra e das águas, sob diferentes olhares. Ao pé da serra, povoados guardam “tesouros” culturais e espirituais, que são amplamente decantados por estudiosos e poetas regionais.

Nesse contexto do Pantanal Mato-grossense de Barão de Melgaço, o *Memorial Rondon* destaca-se como um marco geográfico, em construção, homenageando o cidadão Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, mundialmente conhecido e cognominado Patrono das Comunicações.

O Memorial Rondon, em Mimoso, que abrigará os objetos e demais pertences do homenageado, símbolo de uma memória repleta de significados de um passado não muito longínquo, instala-se numa vasta área pantaneira, posicionada na Região Centro-Oeste do país, e promove modificações na paisagem local (BORDEST, 2005).

¹ Geógrafa, Doutora em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

A pesquisa maior que motivou este trabalho considerou os autóctones de Mimoso como os principais *sujeitos* da *pesquisa participante*, pois integram um processo dinâmico, que interage em diferentes níveis de multiplicidade de ações e tomam parte atualmente nas mudanças significativas do espaço aqui focalizado (BORDEST, 2002).

Neste texto, objetiva-se refletir sobre o significado do papel do Memorial no contexto do *espaço geográfico*, considerando-o enquanto patrimônio cultural e como motivo de atração para o turismo diferenciado.

TURISMO E ESPAÇO GEOGRÁFICO

Conforme Santos (1988), o espaço é a sociedade em movimento. Enquanto totalidade, a sociedade é um conjunto de possibilidades, que, segundo Kant, é a “pluralidade considerada como unidade”, ou a “unidade da diversidade”, conforme Labriola (1982) e Sereni (1970). A essência dessa unidade é o presente ainda não realizado.

Interpretando, ainda, Santos (1988), o presente é o atual que se esvai e sobre ele, como sobre o passado, não temos qualquer força. Por isso, é no futuro que devemos concentrar nosso esforço para tornar possível a nossa ação no presente.

Preocupados com o futuro do Pantanal Mato-grossense, em qualquer dimensão que o consideremos, queremos, neste ensaio, registrar fragmentos de abordagens que nos conduzem à reflexão sobre o contexto da construção do Memorial Rondon, em Mimoso, que, entre outros direcionamentos, possibilitará a prática social do turismo a partir de um centro de referência.

Diversos fatores de ordem local ou global concorrem com intensidades e ritmos temporal e espacial diferentes na produção do espaço geográfico. Nesse sentido e particularizando a abordagem turística, Cruz (2001) lembra: “o espaço geográfico é o principal objeto de consumo do turismo e disso decorre uma das mais importantes especificidades da prática social do turismo: o consumidor turista tem de se deslocar até o produto a ser consumido, o lugar turístico”.

A expressão *lugar turístico*, mais usualmente entendida como lugares já apropriados pela prática social do turismo, aplica-se também a lugares potencialmente turísticos, como no caso de Mimoso, mas que não tem sentido fora do contexto cultural que promove sua valorização em dado momento histórico.

POTENCIALIDADES E ATRATIVOS PARA O TURISMO DIFERENCIADO

Segundo Lipietz (1976), o espaço não deve ser tomado como reflexo ou suporte das relações sociais, mas, ao contrário, na reprodução social o espaço material aparece como efeito e determinante dessas relações (seres humanos e coisas).

Como prática social, o turismo é fortemente influenciado pela cultura, quer seja como atrativo turístico, como paisagem turística ou como *lugar* turístico. Em qualquer situação, consideramos imprescindível a participação dos moradores locais nas decisões, pois, ninguém conhece melhor do que eles o passado e a alma do lugar.

Entre as inúmeras possibilidades de desenvolver o turismo, destaca-se o *turismo diferenciado, ou turismo alternativo*, que se contrapõe ao turismo massificador. O turismo alternativo, capaz de entrelaçar os princípios da Educação Ambiental e os interesses do patrimônio cultural com propostas de Desenvolvimento Sustentável, como assinala Bordest (2003), pode despertar atitudes entre comunidades receptoras, visitantes e empreendedores turísticos.

Em Mimoso, a potencialidade dos bens naturais e culturais para o turismo diferenciado (eco, cultural, rural) tem múltiplos aspectos baseados tanto nos elementos constituintes e condicionantes dos pantanais, como em suas vivências e ambiências.

A estratégia do turismo cultural para Mimoso volta-se, prioritariamente, à questão da participação e do envolvimento comunitário que valoriza as características culturais e as atitudes da comunidade autóctone.

Uma pesquisa de cunho participativo, realizada em Mimoso, nos anos 1999, 2000 e 2001, pode revelar as aspirações, insatisfações e buscas que emergiram das falas dos moradores de seus moradores. Na interpretação de Bordest (2002), esses resultados demonstraram que os atrativos turísticos de Mimoso estão, predominantemente, na sua **história** (figura mítica de Rondon), na **arquitetura** do casario e nas propriedades rústicas rurais, na **paisagem física** (realça o contraste morfológico e a riqueza da biodiversidade em meio pantaneiro), na **cultura da gente mimoseana** (o espaço sagrado e profano), no trato com seus recursos naturais e no recente projeto do **Memorial Rondon** (BORDEST, 2002).

Esse incontestável patrimônio cultural apresenta um mundo de estórias, saberes e fazeres, que necessitam de ampla discussão com a participação da comunidade.

MEMORIAL RONDON, O MARCO GEOGRÁFICO

O Memorial Rondon, em construção, representa atualmente um marco geográfico em Mimoso, que abrigará os objetos e demais pertences do homenageado, símbolo de uma memória repleta de significados de um passado não muito longínquo.

MIMOSO

Mimoso é um distrito de Santo Antonio de Leverger, no Estado de Mato Grosso. Inserido em área pantaneira. Submete-se aos alagamentos cíclicos, em consequência do movimento das águas dos rios, particularmente do rio Cuiabá, que extravasam em época de cheias.

O povoado teve origem em uma sesmaria de treze mil hectares, a de Morro Redondo, que foi doada ao casal Joaquina Gomes e Lucas Evangelista, no início do século XIX. Os descendentes desse casal continuaram vivendo em Mimoso e praticavam a criação de grandes rebanhos bovinos e eqüinos e uma agricultura de subsistência.

Com o passar do tempo, o aumento da população, a entrada de zoonoses que contaminou o rebanho e a diminuição de áreas disponíveis para pastagens, principalmente em função de um alagamento definitivo, que roubou praticamente 50% das terras da sesmaria, e com a mudança da configuração político-econômica do estado de Mato Grosso, a partir da década de 1960, ocorreu um empobrecimento progressivo da população mimoseana.

Conforme Silva (2000), atualmente existe em Mimoso, muitas famílias com apenas uma ou duas reses, e o criador de gado afirma não ter mais que duzentas cabeças. Praticam uma agricultura de subsistência e são bastante independentes da economia de mercado e do trabalho assalariado.

Embora alguns jovens trabalhem em fazendas da região, os mimoseanos conservam certa independência econômica e se mantêm unidos, principalmente em torno da memória do Marechal Rondon, nascido em Mimoso.

Mimoso que, tradicionalmente, recebe para o lazer excursionistas de colégios de Cuiabá, em fins de semana e feriados; visitantes para as festas religiosas e profanas etc., é hoje um incentivo para o desenvolvimento do turismo “ecológico-cultural”, como lembram Silva (2000) e Bordest (2002).

Referindo-se à situação atual, na virada do século XXI, sobre o quadro de potencialidade turística em Mimoso e na visão do autóctone, Bordest (2002, p. 43), pondera: “Mimoso é lugar de passagem para o turista que busca as baías, os rios e as pousadas, em geral, no Município de Barão de Melgaço”.

MARECHAL RONDON

Filho único de Cândido Mariano da Silva e de Claudina de Freitas Evangelista, nascido em 5 de maio de 1865, em Mimoso, Cândido Mariano da Silva perdeu o pai aos cinco meses da sua gestação, vindo sua mãe a falecer quando tinha quase três anos. O pai recomendara no leito de morte ao seu irmão Manoel que, se nascesse menino, o levasse para Cuiabá para estudar e diz mais: “[...] na cidade, poderá se preparar para servir melhor nossa terra...”.

Aos sete anos, foi levado pelo tio para a capital, onde estudou até os dezesseis anos. Daí foi para o Rio de Janeiro, para seguir a carreira militar. Em 1890 foi classificado em primeiro lugar nos exames da Escola Superior de Guerra, obtendo o título de Engenheiro Militar e o diploma de Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Resolve, então, adotar o sobrenome do tio, passando a assinar Cândido Mariano da Silva Rondon.

Inicia com a República o seu papel de desbravador, e, na companhia de Gomes Carneiro, veio para Mato Grosso como seu assistente para planejar a ligação telegráfica de Cuiabá ao Araguaia. Ao finalizar os trabalhos, em 1915, Rondon havia construído 4.560km de linhas telegráficas, não mais se afastando dos caminhos que abria, exercendo a missão da sua inspeção e conservação.

Entre seus inumeráveis feitos, incorporou, ao Ocidente do território brasileiro, uma série de explorações, desvendando e executando estudos geográficos, classificando flora e fauna etc. Com a máxima “*morrer se preciso for, matar nunca*”, Rondon pacificou sertões, incorporando índios, plantando cidades e vilas.

A preocupação de Rondon também se voltava para a população pobre não-índia, composta de sertanejos e caipiras que habitava o interior brasileiro conforme afirmação de Madureira (2002).

Com o soldo de uma missão, construiu uma escola em Mimoso, a qual deu o nome de sua mãe, *Escola Santa Claudina*.

Rondon teve seu nome dado a um meridiano, a um estado, Rondônia, e à cidade de Rondonópolis, em Mato Grosso. Seu nome figura com letras de ouro maciço na sociedade de Geografia de Nova York, como o explorador que mais se aventajou em terras tropicais.

Falecido, em 1958, póstuma homenagem lhe foi mundialmente conferida, no ano 2000, como Patrono das Comunicações.

O MONUMENTO DO MEMORIAL

Na história do turismo regional, “o Memorial Rondon significa uma iniciativa de fora para dentro”, conforme lembra Bordest (2002, p. 48), e prossegue: “No âmago de sua existência, Mimoso tem atrativos mais verdadeiros, que constroem sua amálgama social, pois já constitui cultura. Basta os envolvidos com este tema saberem fazer expandir esta centelha que já existe, secularmente, na memória de sua gente”.

O Memorial Rondon, em construção, com recursos federais, é parte do Plano Diretor que prevê para Mimoso obras no local onde nasceu Marechal Rondon. O referido Plano Diretor prevê ainda a construção do Aeroporto Santos Dumont, para receber pequenas aeronaves, balonismo e aeromodelismo, com estrutura de hangar simples e pista de 800m, gramada. Prevê, também, a construção de marina sobre o rio Mutum, interligando-o com uma rodovia próxima à estrada turística, assinalando os portos de maior interesse turístico, a revitalização do casario da vila de Mimoso, com projeto para recuperação da tipologia original; e reforma da Escola Santa Claudina, ainda em discussão sobre seu uso.

O Memorial Rondon será uma espécie de museu itinerante que, além de abrigar os pertences de Rondon, deverá promover a divulgação dessa cultura (da cultura mimoseana), e oportunizar emprego aos habitantes locais, conforme desejo do Marechal Rondon.

PERSPECTIVAS PARA O TURISMO

A prática turística de Mimoso, ancorada na participação comunitária, potencializará o turismo cultural, concomitantemente ao turismo rural e ecoturismo, observa Bordest (2002, p. 43).

Diferentes atividades (caminhadas, banho, esporte, visita às comunidades de cultura tradicional, cenários fotográficos, científicos, artísticos etc.) podem ser praticadas com moderação, na área. Ainda que assim, é principalmente como centro aglutinador e irradiador da cultura pantaneira e como divulgador do próprio meio, que Mimoso mais se identifica. Como centro de referência, que concilia o passado, presente e futuro, imprimindo novo paradigma de qualidade de vida com espaço para trabalho, pesquisa e troca de experiência, o Memorial, em construção, significa uma idealização inovadora, embora reconhecendo-se nela uma iniciativa de fora para dentro (BORDEST, op. cit., p. 43).

A polêmica construção do Memorial Rondon, iniciada no alvorecer do novo milênio, e que deveria ser inaugurada em 2005, conta com o apoio da

maioria da população local, que espera ser ele, além de ponto de referência ao turismo diferenciado (eco, cultural, rural), um local propício à divulgação das riquezas pantaneiras e esteio para a promoção do desenvolvimento regional.

A concretização da proposta de um *turismo diferenciado*, baseado na interpretação cultural, é o desafio que se coloca aos parceiros da proposta (Estado, Município, Ongs e Comunidade), como parte das propostas do Plano Diretor de Mimoso onde se destaca o Memorial.

REFERÊNCIAS

- BORDEST, Suíse Monteiro Leon. **Potencialidade Turística de Mimoso e o Olhar do Autóctone**. Cuiabá: Gráfica PRINT, 2002.
- BORDEST, Suíse Monteiro Leon. Educação Ambiental em Espaços Não Escolarizados. In: **III Encontro de Educadoras Ambientais da Rede Mato-Grossense de Educação Ambiental**, Cuiabá, MT, nov. 2003.
- GOVERNO DO ESTADO. **Rondon, Memorial**. Mimoso, Pantanal Mato-Grossense Cuiabá: Secretaria Estadual de Cultura. Fundação Estadual do Meio Ambiente. Cuiabá. S/D. (mimeo).
- CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: ROCA, 2000.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado** São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso: da ancestralidade aos dias atuais**. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.
- SILVA, Joana Aparecida Fernandes. Tempo, Mito e História em Mimoso. **Revista Fronteiras**, v.1, n.1, jul- dez 2000, Cuiabá, MT, p. 253-282.



MEMÓRIA DA VIAGEM DE MEMBROS DO IHGMT PARA MIMOSO

Suíse Monteiro Leon Bordest¹

No dia 09 de maio de 2007, cumprindo parte da Programação do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso sobre as comemorações do Centenário da Comissão Rondon e com o objetivo de realizarmos em Mimoso uma reunião desta Instituição, se reuniram em frente à Casa Barão de Melgaço, às 6:30 da manhã, as seguintes pessoas: Aecim Tocantins, Aníbal Alencastro, Ivan Echeverria, Sônia Regina Romancini, Suíse Bordest e Ivan Pedrosa, com sua esposa Sr.^a Dalva e seu filho Antônio Marcos.

Partimos de Cuiabá, em direção à comunidade de Mimoso às 7:00h da manhã. O tempo quente (39°C) até o dia anterior estava mudando para chuvoso e frio por volta de 25°C. Usamos como meio de transporte uma van dirigida pelo Sr. Chiquinho e providenciada pelo Presidente do IHGMT, Sr. João Carlos Vicente Ferreira, que como outros associados, também se encontrava impossibilitado de participar dessa viagem.

Passamos pela cidade de Santo Antônio por volta das 7:30h. Fora da área urbana entramos na estrada Bernardo de Oliveira (NHÕ) que tem um pequeno trecho asfaltado e dá acesso a várias comunidades ribeirinhas do Rio Cuiabá. A seguir passamos a percorrer a estrada de chão. As máquinas e homens na pista indicavam que a mesma encontra-se em construção e em preparação para receber asfalto. Percebemos que apesar da finalidade,

¹ Geógrafa, Doutora em Geociências e Meio Ambiente pela UNESP de Rio Claro. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

de se buscar maior facilidade e conforto para o tráfego de veículos, o fato está oportunizando forte impacto no ambiente. Seja pela presença de máquinas e trabalhadores na estrada, como pelo grande número de árvores arrancadas e tombadas ao chão, fato que vem causando a fuga de animais e pássaros locais, além de alterações no bioma local. Reconhecemos que o fato está interferindo fortemente no ambiente.

Paramos na localidade de Barra do Aricá, para tomarmos um café e registrarmos algumas fotos. Ao longo da estrada percebemos uma paisagem de vegetação verde, mas com fraca presença de animais e pássaros, apesar do solo ainda permanecer bastante alagado. Prosseguimos em direção ao destino parando algumas vezes para melhor apreciarmos a natureza e fazermos fotos. Chegamos à comunidade de Mimoso às 10:00 horas da manhã de um dia claro e bastante frio. Fomos recebidos pelos professores da Escola Estadual Santa Claudina e, após rápidas apresentações, nos dirigimos a uma sala com alunos e professores.

Aí realizamos a nossa reunião e nela estiveram presentes os membros associados do IHGMT: Aecim Tocantins, Aníbal Alencastro, Suíse Bordest e Sônia Romancini; o membro do Instituto Histórico e Geográfico Municipal de Várzea Grande Ivan Echeverria e o representante da Sociedade Amigos de Rondon: Ivan Pedrosa, sua esposa, Sr.^a Dalva e seu filho, o jovem Antônio Marcos. Da Escola Santa Claudina, estavam presentes: o professor Vilson Sales e as professoras: Adriana Almeida, Elisângela Amorim e Deise Queiroz, e os alunos do Ensino Fundamental da 1.^a a 4.^a, que participaram atentamente das falas.

Abrindo a reunião falaram: Suíse (agradecendo a acolhida e o meio ambiente local onde nasceu Rondon e onde a comunidade vive atualmente), Sônia (apresentando o histórico, objetivos e publicações do IHGMT), Aníbal (apresentando Rondon através dos caminhos da Comissão Rondon), Aecim (comentando sobre a Comissão Rondon, o centenário e sua familiaridade com o personagem histórico), Ivan Echeverria (destando o amor filial de Rondon citando através da homenagem manifesta na Escola Santa Claudina e relatando sobre as Cartas de Rondon a sua mulher), Ivan Pedrosa (da admiração pelo personagem Rondon e da Sociedade Amigos de Rondon).

A seguir, em nome da comunidade, o Professor Vilson fez os agradecimentos e justificou a ausência do Diretor Luiz e de outros Professores que estavam atendendo a um chamado da Secretaria de Educação em Santo Antônio de Leverger. Ao final da sessão, as sócias do IHGMT Sônia e Suíse entregaram alguns livros para a biblioteca da Escola Estadual Santa Claudina. Após as despedidas na Escola, registramos a visita com algumas fotos na Escola.

Na seqüência, buscamos um local agradável para o nosso almoço no Restaurante do Joelson, onde tivemos oportunidade de apreciar a natureza, fomos muito bem servidos e trocamos idéias sobre Mimoso e a região. Em seguida fizemos um passeio até a ponte sobre o rio Mutum, apreciando a paisagem da morraria e de setores alagados do Pantanal de Barão de Melgaço em terras mimoseanas. Voltamos comentando sobre a nossa visita e o dia agradável que passamos juntos. Chegamos a Cuiabá às 18h00 e nos despedimos em frente à Casa Barão de Melgaço.



Memorial a Rondon em construção em Mimoso, MT. Foto: Suíse Monteiro Leon Bordest.



MARCELA, CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

(9 de maio de 1888 - 9 de janeiro de 1958)

Grã-fidélis e Cordeira de Mato Grosso inaugurou o **Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon** na Praça de Alcântara. Os dois irmãos filhos de sua esposa **Marcela** são prósperos. Foi a homenagem promovida pelo Conselho das Linhas Telegráficas **Internacionais** do Mato Grosso em homenagem, iniciada em março de 1952.

Coimbra, 9 de janeiro de 1958

RONDON E SEUS ESPAÇOS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Sônia Regina Romancini¹

Adriana da Mata Silva²

Josemara de Brito Souza³

Rondon. Esse nome, curto, incisivo, impressionante, enche com as suas seis letras bem sonantes, a nossa História, a nossa Geografia, durante mais de sessenta anos.
(José de Mesquita)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nomear lugares é muito mais do que uma simples atribuição de nomes, é “materializar” o sentimento de que um lugar é uma entidade que possui individualidade que a distingue de outros lugares, e isso ocorre com base na constatação de que um lugar é útil e vale a pena ser nomeado.

Ao se denominar uma área, esta deixa de ser um simples ponto no mapa ou apenas um pedaço da superfície terrestre, transformando-se em espaço com significado. Um topônimo também é a expressão da intencionalidade de um grupo demonstrar a territorialização de determinada área. Pode-se afirmar que os topônimos têm função de símbolo demarcador da propriedade territorial.

Sob esse prisma, o presente artigo destaca a presença do Marechal Rondon no espaço urbano de Cuiabá, cujos marcos têm o poder de evocar seus feitos e sua importância histórica. Com base no conceito de antropotopônimo, ou seja, nos nomes de lugares constituídos a partir dos designativos pessoais, abordamos duas diferentes homenagens prestadas ao Marechal Rondon, como a atribuição de seu nome à Rua Cândido Mariano e a insta-

1 Professora do Departamento de Geografia da UFMT. Sócia efetiva do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Cidades e Novas Territorialidades (GECI - UFMT/CNPq).

2 Graduada em Geografia, bolsista PIBIC UFMT/CNPq.

3 Graduada em Geografia, bolsista PIBIC UFMT/CNPq.

lação de um busto na Praça Alencastro, ambos em Cuiabá-MT. Para o desenvolvimento da investigação, nos pautamos em pesquisa bibliográfica e em entrevistas, estas últimas realizadas no mês de abril, na Praça Alencastro.

A toponímia é disciplina antiga, cuja significação começou a se delinear a partir do momento em que os núcleos humanos se distribuíram distintamente, em porções territoriais delimitadas, impondo-se a identificação das regiões que se iam ocupando. Assim, esta disciplina se interessa pela análise e compreensão dos elementos que influenciam a conduta humana na nomeação dos lugares (DICK, 1990).

Entre as diversas taxionomias toponímicas, as mais utilizadas são as de natureza física como, por exemplo, os geomorfotopônimos, litotopônimos, hidrotopônimos, zootopônimos; as de origem religiosa, os hierotopônimos; e as de natureza antropocultural.

Nesta última categoria destacam-se os antropotopônimos, ou nomes de lugares constituídos a partir dos designativos pessoais, seja em prenomes ou em apelidos de famílias. O que caracteriza, portanto, esta categoria é o emprego do nome individual como técnica de nomeação de acidentes geográficos (DICK, op. cit.).

Assim, ao se relacionar a toponímia com as homenagens ao Marechal Rondon é nesta categoria que nos pautamos. Verifica-se que a toponímia mato-grossense é rica em variações remetendo ao cotidiano vivido, conforme análise realizada por Dick (op. cit., p. 19), “a história dos nomes dos lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes”.

Portanto, a toponímia reflete de perto a vivência do homem, enquanto entidade individual e enquanto membro do grupo que o acolhe. Segundo a autora, “nos mais diversos setores do conhecimento, as épocas distintas evidenciam, em qualquer porção do espaço, a presença atuante do homem, elaborando, participando, sentindo, expressando, comunicando [...] O resultado dessas compartimentações está sedimentado em fatos que organizam e corporificam a produção cultural de um povo...” (DICK, op. cit., p. 30).

Na cidade de Cuiabá, entre as diversas homenagens ao nome do Marechal Rondon destacamos o Museu Rondon, **criado em 1972 para ser um centro de indigenismo, pesquisa e divulgação das culturas indígenas em Mato Grosso**, no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso. Nesse espaço universitário foi erguido um pequeno monumento dedicado a Rondon por iniciativa da Sociedade Amigos de Rondon. Rondon também é lembrado numa instituição privada de ensino superior denominada Centro Universitário UNIRONDON; numa rua no centro principal de Cuiabá denominada de Cândido Mariano; e também numa escola estadual denominada de Marechal Rondon.

A RUA CÂNDIDO MARIANO

Antiga Rua da Boa Morte, posteriormente Rua Coronel Antonio Paes Barros (Totó Paes), hoje trás o nome do grande brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon, o maior sertanista do Brasil e cognominado *bandeirante do século XX*. Rondon nasceu aos 5 de maio de 1865 em Mimoso, na época Distrito de Cuiabá, hoje Distrito de Santo Antônio de Leverger e faleceu no Rio de Janeiro no dia 19 de janeiro de 1958.

Esta via pública começa na Rua Tenente Coronel Duarte (Prainha) e termina na Praça Santos Dumont. Na terceira quadra subindo estava instalado estabelecimento comercial da firma Ponce, Azevedo & Comp., no porão da sede da extinta Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPEVEA) e que, posteriormente abrigou o escritório da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Na sétima quadra do lado esquerdo foi construída a sede do Mixto Esporte Clube. Na última casa desta rua, esquina com a Praça Santos Dumont, fora edificada a residência dos presidentes do Estado, desde 1926, no primeiro período presidencial do Dr. Mário Corrêa da Costa e depois do Dr. Aníbal Benício de Toledo, que governou de 22 de janeiro a 26 de outubro de 1930, quando ocorreu a Revolução Nacional vitoriosa de 24 do mesmo mês e ano (MENDONÇA, 1969).

O casarão da esquina da Praça Santos Dumont serviu também de residência aos interventores: Antônio Mena Gonçalves, Dr. Artur Antunes Maciel e do Dr. Leônidas Antero de Mattos.

Nas últimas décadas, essa rua vem passando por diversas transformações após ceder lugar para alguns consultórios oftalmológicos, foram estabelecidas algumas óticas com a finalidade de vender para os clientes destes consultórios. Com o passar do tempo, esse tipo de comércio foi se instalando cada vez mais e hoje a Rua Cândido Mariano se tornou uma rua de especialidades, ficando conhecida como a *rua das óticas*.



O Busto de Rondon
Foto: Romancini, 2008.

O BRONZE DE RONDON NA PRAÇA ALENCASTRO

Localizado em frente ao antigo Palácio do Governo, num Jardim inaugurado em 1882 pelo Presidente Alencastro, passou a denominar-se Praça Cel. Alencastro. O Jardim constituiu-se, durante muitos anos, em um espaço de lazer da população cuiabana. Muito arborizado, com destaque para as palmeiras imperiais, era

dotado de fonte com repuxo, canteiros de flores e carramanchões, sendo cercado por mureta e gradil feito com os canos de 2.000 espingardas velhas, utilizadas na Guerra da Tríplice Aliança (BRANDÃO, 1991).

No decorrer de muitas décadas, o Jardim Alencastro foi o lugar preferido para o lazer da sociedade cuiabana. Aos domingos e quintas-feiras, havia as retretas, com música da banda do 16.º Batalhão de Caça e da Polícia Militar, que se revezavam. Somente na década de 1960 ele perdeu a sua importância, dando lugar aos bares e restaurantes, que se tornaram pontos de encontro preferidos da população.

O Jardim Alencastro foi de tal importância para a cidade de Cuiabá que, sobre ele, afirmou Arruda (2000), em maio de 1940: “[...] o que se aspira, se sente neste jardim, é a própria vida da cidade [...]”.

Pela relevância deste espaço público, foi o local escolhido para receber o bronze de Rondon, idealizado por Luis-Philippe Pereira Leite, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-grossense de Letras, conforme relata no livro intitulado *Monumentos de Mato Grosso* (LEITE, 1994, p. 236):

A HERMA DE RONDON

Em outubro de 1957 dirigia-me ao Ministro do Exército, João Batista Duffles Teixeira Lott, sugerindo-lhe que ofertasse a Cuiabá o bronze de Rondon, a exemplo do bronze de Ozório que acabava de ofertar a Porto Alegre e o de Caxias a Belo Horizonte. Em resposta telegráfica, comunicou-se que recebera a sugestão. Em 20/01/1958, falecia Marechal Cândido Rondon e valendo-me do ensejo, enviei-lhe a mensagem de pêsame ao Exército Nacional indicando-lhe a oportunidade da sugestão anteriormente apresentada. Ele simplesmente agradeceu a mensagem e a seguir, pedi ao Senador Filinto Müller, ao Marechal Boanerges Lopes de Souza e ao General Floriano Peixoto Keller que me apoiassem na idéia e o fizeram imediatamente com a melhor boa vontade. Estiveram, cada um per si, no Palácio do Exército com o Ministro e o efeito foi rápido pois, na véspera do primeiro aniversário, chegava a Cuiabá o bronze de Rondon que inauguraríamos graças ao apoio do Prefeito Hélio Palma de Arruda, na Praça Alencastro, em 05/05/1959, em dia memorável, com a presença do Governador do Estado João Ponce de Arruda e de grande número de autoridade, inclusive o Gal. Floriano Peixoto Keller, por coincidência no comando da 9ª Região Militar. Apresentado a ele, em frente à herma cumprimentou-me por ser, segundo ele, “o dono da festa”.

Na seqüência, Luis-Philippe Pereira Leite registra o artigo *A herma de Rondon e o seu idealizador*, de autoria do professor e depois Vice-Reitor da Universidade Federal de Mato Grosso, Benedito Pedro Dorileo, publicado no Jornal *A Cruz*, de 15 de agosto de 1964 (LEITE, op. cit., p. 239), do qual extraímos as afirmativas:

[...] Só os espíritos bem formados, os alevantados no amor à Pátria compreendem a grande obra de Rondon e desejam perpetuar os seus exemplos edificantes.

O Dr. Luis-Philippe é um desses raríssimos, que, nos processos da própria vida, na limpeza das **tensões** e nobreza de maneiras, se mostram a dignidade em ação, a dignidade e o critério em pessoa – que são direitos, porque se conhecem livres e sérios, porque se sentem E lá no jardim Alencastro, para gáudio dos cuiabanos, com frente para a rua que traz seu nome, está a herma de Rondon a irradiar patriotismo, principalmente nesta época em que comemoramos o Centenário do seu nascimento, infundindo nas almas das gerações nascentes o verdadeiro sentimento de amor à Pátria.

É uma oração em bronze, uma oração maravilhosa, que exterioriza e evidencia as crenças, as lutas, as lágrimas, as alegrias, a fibra e a bravura de um povo que quer progredir.

Servir à Pátria pela Pátria!

Em 19 de janeiro de 2008, o Governo de Mato Grosso, através da Secretaria de Estado de Cultura, afixou uma placa junto ao busto do Marechal Rondon pelos 50 anos de seu falecimento, destacando que um dos maiores feitos desta figura ilustre da história mato-grossense foi a integração promovida pela Comissão das Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas iniciada em março de 1907.

No desenvolvimento da pesquisa procuramos conhecer as percepções culturais sobre o busto do Marechal Rondon, através do depoimento dos transeuntes da Praça Alencastro. Ressaltamos que a escolha deste lugar deu-se em função de constituir um lugar público imprescindível à vida da cidade. A partir de perguntas abertas, investigamos as expressões das percepções mais ou menos espontâneas e pessoais dos indivíduos sobre este marco histórico e geográfico.

NOVOS OLHARES AO BUSTO DE RONDON

Todos os anos, no dia 5 de maio, a Sociedade Amigos de Rondon realiza uma sessão solene em homenagem ao Marechal Rondon e, ao seu término, seus integrantes se dirigem à Praça Alencastro e depositam flores junto ao bronze de Rondon.

Com o objetivo de conhecermos a percepção das pessoas que frequentam a Praça Alencastro acerca do busto de Rondon, entrevistamos 22 delas, sendo 15 homens e 7 mulheres, com idades entre 19 e 70 anos.

Entre os entrevistados, 10 pessoas afirmaram saber que o busto representa o Marechal Rondon, bem como têm conhecimento de sua importância para o Brasil e para Mato Grosso. Entre os que conhecem a trajetória de Rondon destacaram-se as pessoas de maior idade. A maioria, correspondendo a 12 pessoas, afirmara não saber de quem é o referido busto. Quando dissemos que representa o Marechal Rondon, os depoentes afirmaram saber que ele foi muito importante para Mato Grosso, mas não têm muito conhecimento sobre isso, não se recordavam qual a importância do mesmo.

A maioria dos entrevistados afirmou que não presta atenção aos bustos que se encontram na Praça Alencastro, pois muitos deles não estão identificados com placas, que foram arrancadas, ou estão deteriorados com pichações e riscos. A recente colocação de uma placa junto ao busto de Rondon auxilia na identificação de seu nome.

Em relação às pessoas que conhecem o busto afirmaram que o Marechal Rondon teve muita importância para o estado de Mato Grosso devido aos avanços das telecomunicações (linhas telegráficas) e acrescentaram ainda sobre a expedição Roosevelt/Rondon, entre outros feitos do Marechal Rondon. Destacamos que um jovem entrevistado, de 21 anos, afirmou que serviu o Exército e sabia da importância do Marechal e até da homenagem feita para ele com o nome da Rua Cândido Mariano, este foi um dos poucos jovens que sabiam da importância de Rondon.

Ao lançarmos nosso olhar para o pequeno busto de Rondon, na Praça Alencastro, propomos a sua (re)valorização como um patrimônio cultural construído em tempos passados e repleto de significados simbólicos no tempo presente, conforme análise realizada por Abreu (1998, p. 7), “o passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em ‘instituições de memória’, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Praça Alencastro, apesar de suas transformações de formas e de funções, ainda ostenta marcos que se referem aos homens que se destacaram no cenário político e intelectual do estado de Mato Grosso: Dom Francisco de Aquino Corrêa, Joaquim Duarte Murтинho, Eurico Gaspar Dutra e o Marechal Rondon.

Entretanto, para a maioria dos transeuntes e freqüentadores desta praça, estes marcos encontram-se desprovidos de significações, conforme os resultados obtidos nas entrevistas realizadas.

Assim, deixamos como sugestão para as instituições responsáveis pela preservação da história e da memória assim como pela valorização do patrimônio cultural material e imaterial de Mato Grosso, que realizem atos e atividades públicas que tenham alcance social, que promovam ações inclusivas de cunho educativo e cultural destinadas às pessoas das classes populares, as quais vivenciam o cotidiano dos lugares e, muitas vezes, desconhecem aspectos importantes de sua história.

Destacamos ainda a necessidade de o poder público preservar o patrimônio constituído pelos espaços públicos e seus equipamentos para que eles continuem evocando a história, a cultura e a memória dos cidadãos cuiabanos para seus contemporâneos e descendentes.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de A. Sobre a memória das cidades. Território, Rio de Janeiro: LAGET, ano III, n.4, p. 4-26, jan./jun. 1998.
- ARRUDA, Antônio de. **Cadeiras na calçada**. Cuiabá: Edição do autor, 2000.
- BRANDÃO, Jesus da Silva. **Cuiabá: desenvolvimento urbano e sócio econômico - 1825-1945**. Cuiabá: Livro Matogrossense, 1991.
- DICK, Maria Vicentina P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- LEITE, Luis-Philippe Pereira. **Monumentos de Mato Grosso**. Cuiabá: Fundação Júlio Campos, 1994.
- MENDONÇA, Rubens de. **Ruas de Cuiabá**. Cuiabá: [s.n.], 1969.



PARTE 3
RONDON
EM POESIA

MIMOSO

(À MEMÓRIA DO ÍNCLITO MARECHAL CÂNDIDO RONDON)

Amidicis Diogo Tocantins ¹

Em meio ao cavalgar, eis que surge Mimoso,
Terra de Rondon, no sopé de uma ascensão;
Corixos... Buritis... Sertão, o mais formoso
Da natureza em festa. Há, pois, uma canção.

Que ouço já bem perto, na amena tardinha:
É o aboio plangente dos velhos vaqueiros.
Índio Miguel, Pedrão, Zé Cinza... Oh! Gente minha,
Quero abraçá-los, bem como aos rijos tropeiros.

Paro o meu alazão e vejo nisso tudo,
A nostalgia da pureza e da inocência.
Perdizes piam nas macegas... Fico mudo:

Não mais ali estão aqueles meus amigos.
Mas, inda em tudo um toque vibra de opulência,
Na riqueza do gado e nos campos antigos.

(São Paulo, 13/08/1971 - *poesia escrita no dia do aniversário do autor*)

¹ Sócio efetivo do IHGMT, falecido em 1985.

NATIVO BANDEIRANTE

Prof. Benedito Pinheiro de Campos¹

Esse pantaneiro, marechal
Resume a história em marcha
Da memória ecológica do Pantanal
Desponta no cerrado e na floresta
Festa bororo, dança, reza,
Na alcova da mata
É o Marechal que passa
Abrindo estradas e comunicação
Uma orquestra de pássaros
Saudando o desbravador
O pacificador das nações nativas
Redes e flechas, no ranchão
No balanço ancestral do sertão
Frente aberta, rumo a Rondônia
Lombo de égua,
Marcha o homem da paz,
Mimoseano, mato-grossense
Guerreiro de luz
Herança do povo brasileiro.
Nunca desembainhou a espada
Sábio, enérgico, pacífico.

¹ Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

RONDON TEACRÓSTICO

Ausência do ser presente
Presença do ser ausente.
Cidade de Rondon Rondonópolis,
Bela e crescente
Princesa do leste mato-grossense,
Vitorioso, soube vencer obstáculos,
Inibições, dores e provas,
Dissabores e lágrimas.
A terra foi a sua escola,
A luta o seu caminho,
O trabalho a grande lição,
Para os índios a feliz redenção,
A Rondon a nossa devoção
O pai da comunicação.



RONDON

TEU ACRÓSTICO

Ede Gonçalves

Como o sol que nasce formoso, nos céus azuis de MIMOSO
Aquecendo do Pantanal a água tranqüila, que mansamente desfila
Nasceu CÂNDIDO MARIANO, o Bororo mimoseano
Duro, forte, arrojado, caboclo valente, e competente
Índio, descendente de quem não matava, mas amava
Do nada nasceu, era o nadir, fez história, chegou à glória
Orgulho de um povo singelo, da Pátria do Evangelho.

Mudando pra Cuiabá, formou-se na Escola Normal, mas tinha outro ideal
Alçando vôo mais alto, a Ícaro se assemelha, e pousa na Praia Vermelha
Rasgando barreira não vulgar, ingressa na Escola Militar
Indo de esforço em esforço, a galgar sempre o primeiro lugar
Alcançando, com fibra, a lutar, o título de Engenheiro Militar
Nomeado “Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais”,
era o caboclo dos pantanais
O brasileiro cujo nome dentre cinco, gravado em ouro no livro dos
louvores, aos maiores exploradores.

De depois de tanta agrura, ingressa na agrimensura

A levantar plantas de montes e rios, pelos sertões bravios.

Sonhando sempre com seu lema, que é um belo poema

Índio, dizia, é sangue do meu sangue, Bororo, Guaná, Terena,
Nhambiquara do Juruena.

Logo, *MORRER, SE NECESSÁRIO FOR, MATAR NUNCA!*,
falava e propalava

Vaticinando com palavras e ações, a própria **COMUNICAÇÃO**

A unir o território brasileiro, **PÁTRIA DO CRUZEIRO**.

RONDON, nome que ainda brilhará no cenário, de um
GEOESTACIONÁRIO

Ousando unir o brasileiro, ao universo inteiro

Nunca, jamais deixando cair no esquecimento, nem por um só momento

Demonstrando com isso que o Brasil é composto de um povo culto,
que homenageia o seu vulto

Ousado, humano, que zombou da morte, mas teve sorte

Não renegou os irmãos seus, pois eram todos filhos de **DEUS**.

A presente Revista objetiva divulgar estudos e resultados de pesquisa efetivados pelos sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Dividida em três partes: na primeira – Rondon, vida e obra - foram incluídos textos relativos à trajetória familiar e profissional Rondon; na segunda – Rondon, representação e imagens – foram incluídas pesquisas concernentes às formas representativas desta personalidade no cenário nacional e regional; a última parte – Rondon em poesia – estampa em versos que o personagem foi capaz de inspirar.

As comemorações de Rondon não se encerram no Centenário da Comissão Rondon, mas prosseguirão em 2009, com os festejos que marcam o Centenário do Centro Geodésico da América do Sul, cujo obelisco foi instalado pela Comissão Rondon na atual Praça Moreira Cabral, logradouro também conhecido por sua toponímia originária, Campo D'Ourique, atual sede da Câmara Municipal de Cuiabá.



Este livro foi produzido com recursos advindos do Ponto de Cultura do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, em convênio com o IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico Nacional e Ministério da Cultura, através do projeto Cultura Viva